

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RECONSTRUINDO UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL:
A HISTÓRIA DO JARDIM DE INFÂNCIA
SUZANA DE PAULA DIAS
(UBERLÂNDIA, 1967-1972)

POLYANA APARECIDA ROBERTA DA SILVA

UBERLÂNDIA

2006

POLYANA APARECIDA ROBERTA DA SILVA

**RECONSTRUINDO UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO INFANTIL:
A HISTÓRIA DO JARDIM DE INFÂNCIA
SUZANA DE PAULA DIAS
(UBERLÂNDIA, 1967-1972)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação na Área de Concentração de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido.

UBERLÂNDIA

2006

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação aprovada pela Banca Examinadora constituída pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Prof. Dr. Humberto Aparecido de Oliveira Guido
Presidente (Orientador)

Prof. Dr. José Carlos Rothen
Membro Externo — UNITRI

Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo
Membro do Programa

Dedico este trabalho aos meus pais, Joaquim e Aparecida, que sempre me apoiaram nos estudos, a meu esposo Alex , minha filha Alexia, pelas horas de compreensão, e ao meu orientador Humberto Guido que muito colaborou na construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade de estudar e colocar em meu caminho pessoas que em muito somaram para o meu constante aprendizado como educadora e acadêmica da Universidade Federal de Uberlândia.

Em especial agradeço: Aos professores do Programa de Mestrado em Educação, que desde a graduação, através do Núcleo de Estudos em História e Historiografia da Universidade Federal de Uberlândia, possibilitaram o início da trajetória desta pesquisa. As grandes mestras, Stela Carrijo e Beatriz Vilela, que com muito carinho demonstraram que é possível construir uma educação de qualidade respeitando a infância. As amigas de trabalho da Escola Renascença, pela convivência diária, pela troca de experiência com a qual crescemos significativamente na profissão; são elas: Cristiane, Lara, Lívia, Tatiane, Marluce, Vera, Marilza, Kássia e Ana Virgínia. E as crianças, princípio e razão da nossa profissão. Aos colegas de mestrado e a equipe da Secretaria, James e Jesus, pela dedicação e amizade. E a todos aqueles que intrínseco ou extrinsecamente contribuíram para execução desse trabalho. Muito Obrigado!

RESUMO

Esta dissertação está inserida na Área de Concentração da História e Historiografia da educação, ela apresenta o resultado da pesquisa realizada nos arquivos públicos e na tomada dos depoimentos das pessoas — a diretora, as professoras, ex-alunos e pais de ex-alunos — que participaram de uma breve experiência educacional na cidade de Uberlândia no período de 1967 a 1972. O objetivo que sustentou a pesquisa foi a reconstrução da memória histórica dessa instituição de educação infantil. A execução do trabalho de campo foi subsidiada pela revisão bibliográfica relativa à concepção de infância na modernidade; essa etapa permitiu a compreensão do nascimento do sentimento de infância e, conseqüentemente, o surgimento das primeiras instituições de educação infantil que resultaram da iniciativa dos pedagogos modernos e contemporâneos, inicialmente os jardins de infância e depois as creches para as famílias operárias. Outro recurso fundamental para a realização do objetivo proposto foi a história oral temática que além da sua riqueza inerente, também serviu para lançar luzes sobre os documentos da escola, o que possibilitou a compreensão e a reconstrução do cotidiano escolar na sua complexidade. Outra fonte relevante para a pesquisa foi a revista *AMAE Educando* que exerceu grande influência no dia a dia do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, sendo inclusive adotado no planejamento escolar, definindo a prática pedagógica da sala de aula. Os resultados obtidos elucidam o período histórico em que a demanda por educação pré-escolar adquire expressão a ponto de demandar ao poder público a instalação de um jardim de infância que até então era restrito às instituições particulares de ensino; outro dado significativo foi a elucidação do trabalho pedagógico que para a época e para a cidade foi bastante inovador. Em suma o ensejo da pesquisa foi contribuir com a História da Educação com o resgate da memória da educação infantil.

ABSTRACT

This dissertation is inserted in the Concentration of História Area and Historiography of the education. It presents the result of a research whose sources are public archives and the depositions bore by people - the Principal, teachers, former-students and former- student's parents. They had participated of a brief educational experience in the Uberlândia city, from 1967 to 1972. The research's objective was the reconstruction of the historical memory of this establishment of education for children. The execution about the field of activity was based on bibliographical revision, concerning the concept of infancy in the modernity. This stage made possible comprehend the birth of the childhood's conscience and, therefore, the appearing of the first institutions of education for children, that had resulted from the initiative of the modern and contemporarie pedagogues, initially in the kindergartens and later on nursery schools for laboring families. Another basic resource for the accomplishment of the considered objective was the thematic verbal history that beyond its proper richness, also served to spread light on school's documents, making possible the understanding on the reconstruction of the school's quotidian in all of its complexity. Another excellent research's source was *AMAE Educando* review. It had exerted large influence in the everyday of the *Jardim de Infância* [Kindergarten] *Suzana de Paula Dias*, being also adopted in the school planning, defining the pedagogical practice in classroom. The gotten results elucidate the historical period when demand for preschool education acquires expression even to urge the public power for installation of kindergartens, restricted to the particular establishments till then. Another significant data were the briefing of the pedagogical work as an innovation at that time. In short this research aims to contribute for the History of Education, in recovery the memory of education for children.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1	
Concepções de Infância	14
1.1. Os precursores da concepção de infância da modernidade	22
1.1.1. Erasmo de Rotterdam	22
1.1.2. Comenius	24
1.1.3. Rousseau	26
1.2. A Pedagogização da Infância	32
1.2.1. Pestalozzi	32
1.2.2. Froebel	34
1.2.3. Montessori	40
1.3. As ações em defesa da infância na sociedade brasileira	43
CAPÍTULO 2	
A Revista AMAE Educando	52
2.1. A Origem da Revista AMAE Educando	54
2.2. AMAE Educando: A criança	58
2.3. AMAE Educando: concepção de Jardim de Infância	62
2.4. AMAE Educando: a família	65
2.5. Interpretando a revista AMAE Educando	67
2.6. As fontes: pesquisa documental e história oral	70

CAPÍTULO 3

Resgatando o Cotidiano do Jardim de Infância Suzana de Paula Dias	
3.1.	
3.2. A cidade de Uberlândia	73
3.3. O Jardim de Infância	75
3.4. A organização do Jardim de Infância	77
3.4.1. A sala de aula	77
3.4.2. A rotina	79
3.4.3. Pré-requisitos a serem alcançados pela criança pré-escolar	85
3.4.4. Planejamento das atividades	89
Considerações Finais	94
Periódicos Pesquisados	97
Referência Bibliográfica	98
Anexos	102

INTRODUÇÃO

Na realização da pesquisa, existe sempre a subjetividade do autor, algo implícito na sua história de vida, na sua trajetória e nas suas escolhas, fatos e acontecimentos que marcaram sua vida. O presente trabalho “*Reconstruindo uma experiência em educação infantil: a história do Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*”, traz nas suas entrelinhas relatos significativos, vidas, histórias e fatos que, depois de tanto tempo tornaram-se inquietações e dúvidas que queremos compartilhar pois acreditamos que ao abordar um tema trazemos um convite aos leitores para percorrerem conosco a breve trajetória de uma instituição de Educação Infantil, algo que poderá, contribuir para a rememoração da história da criança e da educação brasileira.

Com esse interesse teve origem o propósito de investigar a instituição no âmbito da história da educação infantil no município de Uberlândia-MG. Esta referência à infância ganhou importância nas últimas décadas, deixando de ser apenas um tema da Pedagogia para ocupar lugar em outras áreas do conhecimento, ainda assim é oportuna a referência ao

discurso poético que também elucida o lugar da criança na história, para tanto recorreremos às palavras de Cecília Meireles (1990, p. 35):

Minha infância de menina sozinha deu-me duas coisas que parecem negativas, e foram sempre positivas para mim: silêncio e solidão. Essa foi sempre a área de minha vida. Área mágica, onde os caleidoscópios inventaram fabulosos mundos geométricos, onde os relógios revelaram o segredo do seu mecanismo, e as bonecas o jogo do seu olhar. Mais tarde, foi nessa área que os livros se abriram e deixaram sair suas realidades e seus sonhos, em combinação tão harmoniosa, que até hoje não compreendo como se possa estabelecer uma separação entre esses dois tempos de vida, unidos como os fios de um pano.

Acreditamos que o tempo de infância, é a época das brincadeiras que dão vida a todos os seres e objetos, envolvendo a criança num jogo de sonho e fantasia. Esse momento privilegiado não deve ser dissociado do restante de sua existência, porque é um período tão rico para o ser humano e não simplesmente uma mera passagem do mundo infantil para o mundo adulto, como se esse último não pudesse brincar e sonhar com a realidade que o circunda.

As lembranças trazidas da infância, as escolhas que fizemos em relação à vida profissional dirigiram o nosso interesse pela História da Educação Infantil. A rememoração do tempo da infância é também a recordação do período em que tínhamos em nossos quintais as árvores, os balanços de corda, o carrinho de rolimã, fogãozinho de barro e as casinhas que fazíamos para brincadeiras com bonecas e claro, tudo isso faz-nos reviver uma infância que jamais se apagará. Nesta atmosfera lúdica peculiar à infância, quando chegava a hora de ir para escola, esse momento era bastante esperado, apesar de que a escola muitas

vezes era apenas um lugar onde permanecíamos sentados e escrevendo por um longo período, mas em contrapartida a escola era também um lugar em que às vezes cantávamos e íamos para o recreio, estes eram os melhores momentos na escola.

Os anos passaram e o que hoje chamamos de primeira infância, a fase que vai até os sete anos de idade, rapidamente ficou para trás. Quando chegou o tempo de escolher a profissão, lá estava o Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia, oportunidade de relembrar o período bom da vida e a possibilidade de fazer da escola para as crianças pequenas¹ um pouquinho daquele quintal que o tempo não apagou. Anos mais tarde, como professora de uma instituição particular no município de Uberlândia/MG, fizemos daquele espaço imaginário da memória algo prazeroso para as crianças, tendo-as não como expectadoras, naquele lugar elas se transformaram em agentes construtores da aprendizagem que se dava através do movimento, da música, das brincadeiras, e ao contrário da escola que muitas gerações vivenciaram durante a infância, essa escola real tinha árvores nas quais brincávamos, ali era possível também montar casinha, brincar de carrinho, de bola e até fazer comidinha. A aprendizagem dos conteúdos escolares vinha naturalmente, pois o mais importante foi trabalhado com as crianças, a valorização do prazer do espaço escolar, tendo-o como lugar agradável..

O início da experiência docente trouxe consigo muitas dúvidas relativas ao cotidiano, pois a todo momento emergiam da memória as lembranças da nossa própria

¹ A expressão “criança pequena” é utilizada por Zilma Oliveira em seu livro *Educação Infantil: fundamentos e métodos* (2002); contudo, esta expressão já havia aparecido há quase quatro décadas atrás na obra de Piaget, para tanto basta nos reportarmos a *Psicologia da inteligência*, cuja edição brasileira é de 1977, ao passo que o original havia saído na França em 1967.

infância e, assim, questionávamos como teria sido os espaços destinados à criança pré-escolar nas épocas passadas, mais especificamente na cidade de Uberlândia, na qual vivemos a maior parte de nossa história? Como foram consolidadas as instituições destinadas à educação da criança pequena? Quem foram os seus educadores? Quais eram os objetivos propostos? A qual parcela da sociedade se destinava?

Com essas inquietações, acompanhadas da vivência com a pesquisa sobre instituições escolares desenvolvida no Núcleo de História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia, resolvemos não só prosseguir com os trabalhos já iniciados, mas responder às indagações acima, que foram se formando ao longo de nossa história de vida. Para tanto, resolvemos pesquisar as instituições de educação infantil da cidade de Uberlândia/MG. Buscamos informações na imprensa local, nos arquivos públicos, na Superintendência Regional de Ensino; esse levantamento preliminar permitiu a descoberta de um expressivo material relativo a uma instituição de educação infantil denominada *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*. O material disponível consistia em: livros de ponto, atas de reuniões pedagógicas boletins mensais de assuntos administrativos, métodos e processos das lições, avaliação de aprendizagem, assistência escolar (caixa escolar, cantina, assistência médica, assistência dentária, Associação de Pais e Mestres, atividades de rotina, clube de leitura, hora da história, Museu Escolar), termos de posse, fotocópias de certidão de nascimento de alunos, boletins, planos das disciplinas escolares, notas fiscais de compra de livros e de discos, canhotos de cheques da Caixa Econômica Federal. De posse desse material, o nosso objetivo é reconstruir uma experiência de educação infantil em Uberlândia o *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*. A investigação da gênese e do funcionamento desta instituição de 1967 a 1972 tem a

finalidade de discutir a importância desta instituição para a comunidade local, seu processo de formação priorizando a reflexão sobre a sua proposta educacional para o ensino pré-escolar. A metodologia empregada neste trabalho de dissertação pretendeu alcançar o reavivamento da memória do cotidiano escolar. Acreditamos que o estudo da educação infantil permite perceber uma grande mudança provocada pelas transformações sócio-econômicas, tanto na forma de conceber a infância quanto na consideração das suas necessidades.

A execução do trabalho demandou uma ampla revisão bibliográfica que contempla as principais obras que tratam das concepções de infância da Modernidade, recorremos aos trabalhos dos grandes teóricos da Educação, como Erasmo, Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Montessori; contamos também com a pesquisa documental complementada pela história oral temática, possível graças aos depoimentos de várias educadoras, alunos e pais que participaram do cotidiano do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*.

Antes de iniciarmos nossas análises dos documentos queríamos comentar nossa caminhada no transcorrer da pesquisa. Buscamos fundamentá-la nos clássicos do período moderno, onde nasceu o sentimento de infância que nos forneceu o panorama e, ao mesmo tempo, o retrato da infância em determinados períodos da história; esta tarefa contribuiu para o enriquecimento cultural do trabalho realizado, favorecendo o entendimento desta pesquisadora que se dedicou à História da Educação brasileira. O manuseio dos clássicos trouxe para a pesquisa várias concepções de infância e que foram identificadas pelas características que lhe são atribuídas.

Após a revisão dos clássicos, a pesquisa tratou da imprensa periódica, esta etapa não pretendeu ser exaustiva porque o tema do trabalho não é este, oportunamente estaremos nos dedicando exclusivamente ao periódico *AMAE Educando* que teve importância capital para o funcionamento do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*. Depois dessas considerações preliminares foi possível a análise documental que diz respeito às pessoas que estavam inseridas naquela experiência pedagógica em um período histórico que faz parte da gênese da pré-escola em Uberlândia/MG. Esta etapa foi a tarefa mais árdua para a pesquisadora, pois tivemos que entender as entrelinhas do processo histórico, dando voz ao documento, para reconstruí-lo de maneira objetiva, tentando estabelecer a aproximação do fato histórico, da experiência de uma instituição de educação infantil.

A estrutura da dissertação apresenta três capítulos, sendo o primeiro dedicado às concepções de infância encontrada na filosofia humanista e às propostas de educação infantil formuladas pelos pedagogos modernos e contemporâneos. Encerramos este capítulo com a breve exposição da condição da infância na sociedade brasileira.

O segundo capítulo trata da diretriz das práticas pedagógicas da instituição analisada, essa diretriz estava diretamente ligada à leitura da revista *AMAE Educando*; neste capítulo a ênfase recaiu na apropriação do conteúdo da revista feita pelos educadores que assimilavam as informações e discussões encontradas no periódico, o nosso propósito aqui foi a explicitação das correntes pedagógicas que fundamentavam o pensamento educacional e como se desdobravam na prática cotidiana. O capítulo foi concluído com a

explicitação da metodologia empregada na execução das demais atividades relativas ao desvelamento do funcionamento da instituição de educação pré-escolar.

No terceiro capítulo é exibida a reconstrução da a instituição a partir dos documentos, entrevistas e as fontes iconográficas (que constituem os anexos desta dissertação). Iniciamos a exposição situando o escolanovismo como a movimento gerador da reivindicação da pré-escola a ser implantada na sociedade brasileira, não para concorrer com orfanatos e creches para os filhos dos trabalhadores, mas uma instituição de ensino voltada para a formação inicial da criança. A nova finalidade atribuída ao estabelecimento encarregado de cuidar das crianças pequenas que motivou o surgimento de uma pré-escola distinta de todas as demais experiências sociais destinadas à primeira infância.

Ao término do trabalho, esperamos ter desvelado para os educadores e os pesquisadores da área de História da Educação uma página significativa da educação infantil, resgatando a produção do conhecimento e as práticas da infância construídas em uma etapa da História brasileira. Esperamos contribuir mais especificamente com a reconstrução da história da educação infantil no município de Uberlândia, apresentando uma interpretação da experiência em educação infantil que deve ter sido paradigmática e mesmo tendo sido tão breve, apenas cinco anos, certamente influenciou a prática pedagógica daqueles profissionais da educação que participaram da experiência pioneira e, posteriormente, puderam levar os propósitos cultivados no *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*. Após refletir sobre o teor das entrevistas feitas com as ex-professoras da instituição pudemos entender a pertinência da afirmação de Justino Magalhães (1996, mimeo, p.1):

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever o itinerário da vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico.

A respeito da brevidade da experiência educacional uberlandense e que paradoxalmente é relevante para a História da Educação do município, consideramos oportuna neste momento a justificar o nosso propósito, pois à primeira vista pode parecer insipiente a pesquisa que redundou nesta dissertação de mestrado que discorre sobre uma instituição de educação infantil desta cidade interiorana da região Central do Brasil, no momento de sua expansão econômica e demográfica. Para justificar a definição do objeto desta pesquisa chamamos a nosso favor aquela experiência remota realizada por alguns homens de letras na França de meados do século XVII; trata-se do movimento pedagógico de Port-Royal, realizado na região de Chevrense que distava apenas 36 km da Paris Cosmopolita do Século das Luzes. Nesse lugar funcionava a Abadia de Port-Royal, local de refúgio para cavalheiros parisienses perseguidos pela autoridade religiosa da época.

Polêmicas religiosas à parte, a experiência pedagógica de Port-Royal — assim como a do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* — foi breve, contudo essa experiência ganhou notoriedade pela originalidade da instrução escolar das crianças pequenas, cujo trabalho pedagógico foi sistematizado e apresentado em dois manuais escolares: a *Gramática de Port-Royal* e a *Lógica de Port-Royal*, a primeira de autoria de A. Arnauld e C. Lancelot, a segunda de autoria do mesmo Arnauld em parceria com P. Nicole.

De acordo com os tradutores da *Gramática* para a língua portuguesa:

No período áureo de funcionamento dessas Escolinhas todas, chegavam a ter cerca de 50 alunos, sem dúvida um número quantitativamente pequeno, mas de excepcional qualidade, tanto em relação ao corpo docente como ao discente. [...] As Escolinhas de Port-Royal funcionaram primeiro nas cercanias da abadia em 1638 e, depois, as atividades foram levadas para Paris, sempre com o cuidado de escapar da perseguição religiosa que se tornaram inevitáveis e culminaram com o término da experiência pedagógica em 1656 e, para sempre 1660 e fechamento das classes que voltaram a funcionar em Port-Royal. (BASSETTO; MURACHO, 1992, p.XXIII e XXVIII).

A atmosfera que envolvia o *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* era outra que aquela de Port-Royal, a duração da experiência uberlandense foi ainda mais breve, durou apenas 5 anos, enquanto que Port-royal sobreviveu a duas décadas. A referência a Port-Royal reforça a tendência de renovação da pesquisa histórica que valoriza o local e o cotidiano, assim, mesmo que do ponto de vista temporal aconteçam experiências pedagógicas de curta duração, elas podem permanecer no imaginário dos seus agentes e atores, fixando o momento paradigmático tributário da pedagogia moderna. Guardadas as proporções, acreditamos que a investigação histórica do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* reforça a importância que uma instituição de educação infantil tem, mesmo que ela sua existência tenha sido quase que imperceptível, o trabalho pedagógico ali realizado deixou seus frutos para a posteridade. É a memória educacional que queremos resgatar com estas páginas dedicadas à educação infantil.

PRIMEIRO CAPÍTULO

CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA

Neste capítulo as concepções de infância, originadas durante os primeiros séculos da Modernidade são analisadas, pois essas leituras oferecem a gênese do sentimento de infância, que começou a se manifestar no século XVI, para se consolidar nos séculos posteriores. O quadro histórico possibilitará o entendimento da evolução da educação infantil e, conseqüentemente a gênese das instituições destinadas às crianças menores de sete anos. Essas fontes são os subsídios necessários para situar o objeto de estudo dessa dissertação.

Os tempos modernos resultaram de sucessivas transformações ocorridas a partir do final do século XV e que desencadearam a queda do Império Bizantino, a descoberta da América e a Reforma Protestante. Esses eventos representaram o fechamento de um ciclo histórico e o anúncio de um novo tempo: a Modernidade que trouxe consigo um caráter revolucionário em relação à velha sociedade estática em suas estruturas econômicas e na sua organização social que culminou com o fim do modelo feudal, ligado a um sistema

econômico fechado, baseado na agricultura. A nova economia se faz com o intercâmbio, sustentado na circulação de mercadorias e na exploração dos recursos naturais, humanos e intelectuais. Em uma palavra, o capitalismo é sistema que aglutina as transformações da época, de acordo com Cambi (1999, p.197):

[...] Nasce o sistema capitalista e nasce independente de princípios éticos, de justiça e de solidariedade, para, para caracterizar-se, ao contrário, pelo puro cálculo econômico e pela exploração de todo recurso (natural, humano, técnico).

Entendemos de maneira clara que a passagem do mundo tradicional para o moderno acarretou o afloramento das contradições nos campos científico, filosófico, cultural o que se refletiu Estado com sua estrutura centralizada nas mãos de um soberano, o rei, mas desde o início o poder real estava ligado à nova classe social, a burguesia , que opondo-se à aristocracia feudal trouxe uma nova concepção de mundo: laica e racionalista . Nos séculos seguintes o absolutismo cedeu lugar ao liberalismo. Ora, mudaram também as teorias pedagógicas, que se libertam de um modelo idealista e essencialista para tornarem-se histórica e existencialista, reconhecidas como parte orgânica do processo da sociedade em seu conjunto, delineando-se como saber e como práxis, para responder à passagem do mundo tradicional para o moderno. Lembrando que o nosso interesse recai sobre a infância, a leitura de Ariès (1981) é indispensável, pois o historiador francês apresentou a infância situando-a no contexto de transformações advindas com a modernidade, uma situação não muito antiga, assim como a escola para crianças pequenas, pois o aluno não é uma realidade anterior ao ser criança, uma vez que o sentimento de infância foi o responsável pelo desencadeamento do o processo irreversível que vinculou a criança à escola, contudo a educação infantil deve a sua existência à descoberta da infância (Narodowski, 2001).

Ariès adverte para o fato de que até meados do século XII, a arte medieval não representava a criança, era como se ela não existisse no mundo. Somente por volta do século XIII, surgiu na iconografia alguns tipos humanos mais próximos do que chamaríamos hoje de criança: a figura do anjo, do menino Jesus, da infância de Nossa Senhora; quase sempre a cena religiosa estava ligada à maternidade de Maria e ao seu culto, permanecendo assim até o século XIV. No alvorecer do século XVI, já são comuns as imagens infantis, segundo Áriès (1978, p.23):

Aparece o retrato de criança morta marcando portanto um momento muito importante na história dos sentimentos. Esse retrato seria inicialmente uma efígie funerária. A criança no início não seria representada sozinha, e sim sobre o túmulo de seus pais.

No século XVII os retratos de crianças sozinhas tornam-se comuns e vamos percebendo que a criança vai conquistando um espaço, com cenas próprias: na lição de leitura, desenhando, brincando, entre outras situações da vida infantil. Assim suma, para Ariès a descoberta da infância começou no século XIII e evoluiu nos séculos XIV e XV, tornando-se significativa no final do século XVI e consolidada no século XVII.

Na modernidade a infância deixou de ocupar um lugar despercebido da vida comunitária, ela começa a ser notada e tida como ser inacabado, carente e portanto individualizado, sendo este sentimento o primeiro movimento para restituir a criança à sociedade, trazendo também o sintoma de uma transformação na cultura ocidental, nas crenças e práticas cotidianas com a introdução do discurso pedagógico. Os pensadores modernos teorizaram de diferentes maneiras sobre a educação infantil e ofereceram as novas concepções de criança do ideário pedagógico moderno, cujas idéias ainda ecoam

com o interesse renovado pela infância. Apresentamos abaixo os principais pensadores e pedagogos que trataram da infância priorizando a sua boa educação. Mais a frente iremos abordar os principais pedagogos que durante os últimos duzentos e cinquenta anos estiveram empenhados na formulação de um modelo de educação infantil em sintonia com as novas concepções de infância.

1.1 Os precursores da concepção de infância da modernidade

1.1.1. Erasmo de Rotterdam

Os humanistas do Renascimento foram vitais para a defesa da instrução e dos cuidados da criança, dentre eles, Erasmo (1469-1536), foi um dos primeiros a sustentar que a criança pequena deve ser iniciada na educação das letras assim que seu corpo ganhar um certo porte físico; salientava também que a educação já começa no ventre materno, advertindo que a criança deve aprender as primeiras noções antes que a idade fique menos dúctil e o ânimo mais propenso aos defeitos ou até mesmo infestado com as raízes de vícios tenacíssimos.

Erasmo foi um ardoroso defensor da criança e partidário da educação infantil, considerando-a como a formadora das características individuais do caráter, da predisposição para o trabalho e os estudos. Erasmo foi também um adepto obstinado da formação das habilidades da criança, para isso salientava que o mestre deveria respeitar a individualidade do aluno, evitar a repetição fórmulas, mas para compreender, o que auxilia

a memória no desempenho de sua função de sustentação do entendimento. Erasmo propôs procedimentos novos e abolição dos castigos físicos que na época eram bastante freqüentes, para ele o educador deve ir ao encontro da potencialidade nativa do educando e ajudá-lo a explicitar sua riqueza interior, fazendo emergir tudo que foi fornecido pela natureza; educar é também incentivar o educando e respeitar a sua natureza, pensando assim Erasmo (1996, p.49) afirma:

Não são raros os indivíduos que exigem da criança atitudes precoces de adulto. Sem a mínima consideração pela exígua idade dela, ficam a medir a mente infantil pela própria capacidade, e comportam-se como se lidassem com gente grande, esquecidos de que já foram eles mesmos crianças.

De fato, a criança passa a ser levada em consideração, e mais, Erasmo a vê como o ser que precisa de tratamento diferenciado, uma vez que a infância é o primeiro passo para a consolidação de uma vida adulta, que depende do como será conduzida para ter uma boa formação, quer seja no trabalho, nos estudos e na vida familiar. Até então a criança era vista como adulto em miniatura, mas a partir daí passa a ter um lugar próprio na sociedade, e sua formação estará associada à educação escolar, considerada a melhor modalidade para a formação do ser infantil, respeitando suas especificidades, que são características da tenue idade. Sob esse aspecto comenta Erasmo (1978, p.70):

A arte de educar as crianças divide-se em diversas partes, das quais a primeira e a mais importante é que o espírito, ainda brande, receba os germes da piedade; a segunda, que ele se entregue às belas-lettras e nelas mergulha profundamente; a terceira, que ele se inicie nos deveres da vida; a quarta, que ele se habitue, desde muito cedo, às regras de civilidade.

Erasmo é enfático ao atribuir um papel fundamental à educação escolar, ela é a que poderá arrancar de dentro do homem a sua essência, a escola é indispensável, para fazer

com que o homem possa apreender as regras do convívio social através do respeito à liberdade e à individualidade da criança, evitando a recorrência aos velhos preceitos oriundos das opiniões que apenas repetem as fórmulas ou receitas. No plano metodológico Erasmo deu ênfase ao bom uso da memória para desempenhar, sem dificuldade, a sua função quando demandada pelo entendimento. Faz-se necessário, então, que o homem seja educado desde o nascimento, primeiro pelos pais e bons preceptores, depois com o manuseio de bons livros, pois para alcançar a felicidade é preciso da reta instrução, algo possível graças à boa educação. A obra deste filósofo, ultrapassou o seu tempo e o mantém atual na defesa do zelo que a criança merece sendo importante para nosso estudo sobre a concepção de infância, norteados pelos cuidados destinados à formação para a vida virtuosa; de acordo com Guido (2002, p. 204) Erasmo foi enérgico na reprovação da violência física sofrida pela criança. A citação abaixo (Erasmo, 1996, p. 38) permanece atual e reforça o argumento de que a descoberta do sentimento de infância não foi suficiente para abolir de uma vez e para sempre a violência contra as crianças:

Que aproveitamento proporciona-se às crianças de apenas quatro anos de idade, matriculando-as em jardins literários sob a direção de preceptores desconhecidos, rudes, de costumes nada sadios, [...]. Dir-se-ia que, ali, não existe escola e sim ergástulo. Apenas se ouve o crepitar das palmatórias, o estrépito das varas, as lamentações e os soluços em meio a balbúrdia de ameaças ferozes.

1.1.2. Comenius

Não poderíamos deixar de comentar também a obra de Comenius, (1592-1670), pois preconizou a criação de escolas maternas por toda parte, afirmando que a infância é o período próprio para aprender, admitindo que ainda não se aprendeu tudo, os primeiros

anos são determinantes para a aprendizagem posterior, ou seja, a infância é o ponto de convergência da para a graduação do desenvolvimento humano, condição inicial da ordem estabelecida que não depende, segundo Narodowski (2001), do agir do adulto quando esse insiste em querer atribuir os valores próprios ao discurso educacional. A criança precisa ser conduzida gradativamente até os pontos mais altos do conhecimento; sobre este tema Narodowski (2002, p.50) salienta ainda:

O nascimento de uma infância moderna tem de seu o necessário afastamento da criança em relação a vida cotidiana dos adultos; afastamento que é determinante pois implica um passo constitutivo na confirmação da infância como novo corpo.

O raciocínio acima corrobora o nosso entendimento de que Comenius possuía um olhar diferenciado para a criança, para esse pensador não educá-la seria ir contra os desígnos de Deus, pois era preciso instruí-la em todos os seus aspectos: físico, mental, emocional, manual, moral, social e religioso, não se esquecendo que o lar é a primeira escola. A instituição escolar deveria favorecer o trabalho coletivo, a espontaneidade, o movimento, os exercícios agradáveis de aprendizagem, promover a leitura de bons livros; para tudo isso se faz necessário bons professores e bons métodos, eis as palavras de Comenius (1985, p. 125):

Fique, portanto, assente que a todos aqueles que nasceram homens é necessária a educação, porque é necessário que sejam homens [...]. Daí se segue também que, quanto mais alguém é educado, mais se eleva acima dos outros.

Comenius acreditava que a escola seria como um jardim no qual as crianças crescem como plantas (1985, p. 206), e o trabalho pedagógico organizado com quatro horas de duração para crianças menores, sob os cuidados de um professor para várias crianças, que deveria ministrar o ensino a partir das fábulas, das histórias da carochinha, das

narrativas, dos jogos, das atividades manuais e musicais. Tal como Erasmo, também Comenius foi além de seu tempo, ainda hoje na pré-escola estamos em busca de atividades que respeitem a idade da criança, as diferenças e a sua individualidade. Comenius foi pioneiro na proposição do ensino simultâneo para crianças, esta era a base da didática: ensinar tudo a todos.

Considerando o processo de aquisição do conhecimento, Comenius afirmava que os cinco sentidos são os portões de entrada para a alma humana, pois nada há no intelecto que não tenha passado antes pelos sentidos² de modo que a sua teoria estava baseada no aprender fazendo. O ideal de educação e de escola democrática estava fundado na defesa da escola para todos; é oportuno lembrar que Erasmo também fez parte desse movimento de idéias em defesa do ensino mútuo e da instrução pública ministrada em escolas e não mais no espaço privado circunscrito ao ambiente doméstico.

1.1.3. Rousseau

No século XVIII a concepção de infância atingiu novo patamar com a obra de Rousseau (1712-1778). O pensador genebrino foi incisivo na refutação da tese de que a criança é um adulto em miniatura, para Rousseau a criança tem a sua própria história, tendo na liberdade o valor supremo da educação infantil. A educação da criança deve considerar três instâncias: a natureza, sociedade e as coisas. Para Rousseau o ponto de partida da

² Comenius está em sintonia com o empirismo do século XVII e sustenta também a velha máxima de Aristóteles; *Nihil est in intellectu quin prius fuerit in sensu.*

formação da criança é sempre o indivíduo com suas características e necessidades, e o ponto de chegada é a realização do ser livre que compreende aquilo que conhece. Rousseau (1995, p.16), abordou a educação do ser infantil desde seu nascimento:

A criança recém nascida precisa esticar-se e mover os membros para tirá-los do entorpecimento em que, unidos como num novelo, permaneceram por longo tempo. É verdade que os esticamos, mas os impedimos de se moverem; chegamos até a prender-lhe a cabeça a testeiras: até parece que temos medo de que ela pareça estar viva.

A afirmação de Rousseau, rompeu radicalmente com a tradição humanista abordada nos tópicos anteriores e que cultivavam ainda a tese de Santo Agostinho, pois para o pensador antigo; que ainda influenciava o segmento conservador da educação moderna, era necessário enfaixa-la e atá-la para que não tocassem nos genitais ou se arrastassem como animais. Na citação acima fica evidente que estamos diante de uma nova concepção de infância que deixou para trás o tempo em que a criança não era percebida entre os adultos para adentrar na época em que a criança ganha importância fundamental e esta fase é considerada crucial para toda a vida futura. No seu tratado sobre a educação o pensador genebrino busca um aluno imaginário para dele fazer um verdadeiro homem, para que isso se concretize é preciso buscar na natureza os fundamentos para essa educação. O tema fundamental de *Emílio* consiste na teorização da educação natural do homem enquanto tal, através de seu aprendizado com as coisas, isto é, o mundo, primeiro o natural depois o social. Outra característica da obra de Rousseau é a centralidade das necessidades mais profundas e essenciais da criança no processo educativo, prevalecendo sempre o respeito pelos seus ritmos de crescimento e de aprendizagem com a valorização das características específicas da idade infantil. A educação deve ocorrer de modo natural longe

das influências corruptoras do ambiente social, tendo no mestre a pessoa que oriente o processo formativo da criança.

Embora não tenha sido o primeiro pensador a voltar-se para a singularidade da vida infantil, podemos considerar Rousseau um dos descobridores da infância, pois ele identificou na infância a idade da autônoma e dotada de características e finalidades específicas, bem diferentes da idade adulta e que, portanto, necessita de cuidados especiais, reprovando assim a educação autoritária, intelectualista, pedante, mera cópia do comportamento corrompido do mundo adulto. A implementação do projeto pedagógico de Rousseau demanda a observação das etapas a idade infantil: período da lactância, crescimento do corpo, atividades motoras, percepção sensorial e maturação dos sentimentos; caberá às mães os primeiros cuidados; aqueles genuinamente naturais, sobre esse aspecto comenta, Rousseau (1995, p.21):

Se as mães se dignarem a amamentar seus filhos, os costumes reformar-se-ão por si mesmos, e os sentimentos da natureza despertarão em todos os corações. O Estado irá repovoar-se[...] a agitação das crianças, que acreditamos importuna, torna-se-a agradável; ela torna o pai e a mãe mais necessários, mais queridos um pelo outro e reata entre eles os laços conjugais.

A amamentação é muito importante para o desenvolvimento da criança, mas esse ato é o carinho da mãe que não deve ser repassado às amas de leite, pois as mulheres devem exercer o seu papel de mãe e nutrente da nova vida. A primeira etapa de educação infantil começa no nascimento e vai até os 2 anos de idade, é o momento perfeita liberdade, prevalecem as atividades naturais da criança em relação ao meio físico em que ela pode obedecer ao impulso interior de agir para experimentar diretamente os resultados do seu comportamento. Sobre essa etapa Rousseau salienta também a importância do

vestuário das crianças, o cuidado com o ambiente, a alimentação, a higiene, e lembra que algumas moléstias serão necessárias para o fortalecimento do corpo humano (1995,p.22):

Quase toda a primeira infância é doença e perigo; a metade das crianças que nascem morre antes dos oito anos. Passadas as provas, a criança que ganhou forças e, assim quem pode servi-se da vida, seu princípio torna-se mais garantido.

Essas considerações nos levam a admitir que há muito tempo a sociedade tem buscado meios para acabar com as doenças características da infância e conseqüentemente com a mortalidade infantil. Lembremo-nos quantas campanhas em favor da criança pequena, pelo direito à amamentação; que nos segmentos mais abastados da sociedade, até pouco tempo, era atribuição das amas de leite³. A importância da amamentação é abafada pelos anseios da nova ordem, que somente no século XX, voltou a desencadear, mais uma vez, a luta pelo aleitamento materno, fazendo ressurgir os teóricos que desde o início da modernidade se preocupavam com esta questão, tornando-a parte da educação da criança.

Em relação à puerícia, ou seja, dos dois aos doze anos, fase muito importante nesta dissertação, por se tratar do início da escolarização, Rousseau critica os métodos utilizados na época e que não propiciavam prazer às crianças, muito pelo contrário, a escolarização era um período triste dado que a instrução era muito severa e a idade da alegria era consumida em meio aos prantos, aos castigos, às ameaças e à escravidão do corpo infantil⁴.

De acordo com Rousseau (1995, p.68):

Amai a infância; favorecei suas brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto. Quem de vós não teve alguma vez saudade dessa época onde o riso está sempre nos lábios, e a alma está sempre em

³ Uma constatação com a profissionalização da mulher, a partir do final do século XIX, a mamadeira um simples utensílio irá ocupar o lugar das amas de leite.

⁴ É notável a proximidade entre Rousseau e as exortações de Erasmo no início do século XVI que foi citada no final do tópico 1.1.1. dedicado ao filósofo renascentista.

paz? Por que quereis retirar desses pequenos inocentes o gozo de um tempo tão curto que não poderiam abusar? Por que quereis encher de amargura e de dores esses primeiros anos tão velozes, que não mais voltarão para eles, assim como não voltarão para vós? Não fabriqueis remorsos para vós mesmos retirando os poucos instantes que a natureza lhes dá. Assim que eles puderem sentir o prazer de existir, fazei com que gozem; fazei com que, a qualquer hora Deus os chamar, não morram sem ter saboreado a vida.

A citação acima não está muito distante da realidade social atual, sob alguns aspectos Rousseau ainda fala para os educadores do presente. Desta constatação cabe indagar: como temos tratado o ser infantil? Será que a história de quase trezentos anos é tão antiga assim, ou olhamos para ela e temos quase que o reflexo da atualidade? O que chama nossa atenção no romance pedagógico de Rousseau é a sua certeza sobre a capacidade do entendimento infantil, uma posição que conseguiu romper com o velho paradigma da sociedade, e adentra o tempo presente fazendo notar que a infância requer cuidados, precisa ser respeitada, a sua natureza clama por uma educação específica. O *Emílio* rompe com o que se falava a respeito da educação, pois a criança, segundo Rousseau (1995), é capaz de aprender com suas próprias necessidades, por isso ele criticou os currículos que traziam conteúdos distantes da realidade das crianças, em contrapartida apresentou as atividades práticas da meninice:

- 1- Brinquedos e desportos que aperfeiçoam o corpo, trazendo saúde, crescimento e força.
- 2- As práticas agrícolas para garantir seu meio de subsistência no primeiro emprego do homem.

- 3- Aprender a manusear a enxada, a pá, o torno, o martelo, a plaina, a lima, enfim os instrumentos de todos os ofícios; levando a criança a medir, a contar, a pesar e a comparar os objetos com os quais lida.
- 4- Avaliar distâncias, aprender a observar cuidadosamente e a desenhar as coisas que observa.
- 5- A linguagem, o canto, a matemática, a geometria serão aprendidos com atividades relacionadas com as situações cotidianas.

Considerando o ideal de educação de Rousseau, no final da infância o semblante, o porte físico e a fisionomia devem revelar a confiança em si, que os movimentos sejam ágeis e seguros, que nas diversas atividades as crianças sejam francas e livres, mas que não sejam atrevidas, e que suas faces, por não terem permanecido grudadas nos livros, não se inclinem sobre o seu estômago, e dessa forma não seja preciso dizer para elas inclinarem a cabeça da linha do horizonte para observar o mundo.

Para Cambi (1999) Rousseau influenciou significativamente o pensamento pedagógico moderno, podendo ser considerado o pai da pedagogia moderna, trazendo questões novas, tais como: a bondade da infância e a não diretividade educativa, sendo de fato uma chave mestra do pensamento pedagógico. Certamente Rousseau foi o primeiro artífice do mais inquieto e paradoxal projeto educativo da modernidade: o da escola fundamental, paradoxal porque a instrução deve respeitar a liberdade do educando, contudo, não pode abdicar da tarefa educativa que consiste na realização da humanidade no indivíduo. As palavras introdutórias do *Emílio* (1995, p. 9) ainda merecem atenção:

Ninguém conhece a infância: quanto mais se seguem as falsas idéias que dela se têm, mais longe se fica de a conhecer. Os mais doutos apegam-se ao que é importante que os homens saibam, sem considerar o que as crianças têm a capacidade de aprender.

Após a morte de Rousseau teve início o processo de mudança social que ele prenunciava em suas obras — é oportuno recordar que o *Emílio* e o *Contrato Social* foram escritos no mesmo ano e, cinco anos depois, foram publicados simultaneamente — a sua filosofia da educação foi acolhida pelos mais diversos pedagogos que desde o final do século XVIII até o início do século XX têm extraído das páginas das obras de Rousseau as linhas norteadoras para as novas propostas de educação infantil. Alguns desses pedagogos serão tratados a seguir.

1.2. A Pedagogização da Infância

1.2.1. Pestalozzi

Influenciado pela filosofia rousseuniana, Pestalozzi (1746-1827) propôs modificações nos métodos de ensino da época, particularmente os usados na escola elementar, e também na formalização de procedimentos para treinamento de professores. Ele começou trabalhando com órfãos no ensino industrial e depois criou um orfanato defendendo que a educação deveria ocorrer no ambiente mais natural possível, sob um clima de disciplina estrita mais amorosa, contribuindo para o desenvolvimento do caráter infantil. Para ele, o lar é a instituição educacional ideal, o meio mais eficaz para a experiência social, o alicerce de toda a vida. Sua reforma educacional propunha que toda mudança deve começar com o indivíduo e não com a sociedade, e para isso faz-se

necessário que o indivíduo se torne auto-suficiente, e as sementes de ação estão plantadas nas crianças esperando uma oportunidade para se desenvolver, pois o objetivo da educação é assegurar ao homem uma vida mais feliz e virtuosa⁵.

Pestalozzi concebeu a criança como um organismo que se desenvolve em conformidade com leis definidas, ordenadas; esse organismo apresenta três aspectos básicos: o intelectual, que consiste na relação do homem com o ambiente; o físico expresso pelas atividades motoras, e por fim e conjuntamente os aspectos moral e religioso que se dão na relação com os outros seres humanos e com Deus. Esses aspectos eram descritos em linguagem fácil como a cabeça, a mão e o coração do homem, cada qual se desenvolvendo segundo a sua maneira. Em conformidade com a concepção de desenvolvimento orgânico, Pestalozzi propõe a harmonia entre as partes: a cabeça, as mãos e o coração.

Pestalozzi, inspirado em Rousseau, estava convicto de que o ensino tradicional tinha um efeito nocivo sobre a criança, pois dava a aparência de cultura e conhecimento, sem atingir a realidade, dessa forma, os verdadeiros talentos da educação ficavam sem serem desenvolvidos, porque jamais haviam sido demandados. Pestalozzi acreditava que os poderes infantis brotam de dentro, graças ao despertar de impulsos inatos⁶, desenvolvendo como sementes, até a maturidade. O desenvolvimento da criança deveria acontecer livremente, e toda instrução educativa deveria brotar de dentro dela, pois a natureza desenvolve lentamente, de modo que todas as tentativas para forçar a criança a qualquer

⁵ Além das influência de Rousseau, a pedagogia de Pestalozzi conservou alguns traços do humanismo de Comenius; vide o tópico 1.1.2. deste capítulo.

atividade antes que seus poderes estejam prontos serão prejudiciais; portanto, devemos seguir a natureza. Pestalozzi queria que a educação das crianças fosse confiada às mães, pois o amor da mãe evoca as emoções da criança e as faz crescer na proporção adequada.

Pestalozzi foi fundamental para o aparecimento das primeiras instituições modernas destinadas à educação infantil, porém, a sua proposta carecia de objetividade, ao menos é esta a avaliação de Ponce (1991, p.143):

Apesar de no princípio da sua vida ter educado algumas crianças pobres e mais tarde, ter recolhido muitas outras no seu orfanato, nunca lhe ocorreu a possibilidade de dar a elas a mesma educação que ministrava às crianças ricas. Da mesma forma, nunca pensou que a estas [as ricas] fosse possível educar por meio do trabalho. É verdade que ensinou muitas vezes trabalhos manuais no seu internato, mas do mesmo modo como são ensinados nas mais modernas escolas atuais, isto é, como um exercício ou uma distração mais ou menos desordenada.”

1.2.2. Froebel

Froebel (1782-1852) é outro pedagogo moderno empenhado na educação da criança, que para ele consiste na exploração de suas energias, de forma que ela possa manifestar sua divindade com pureza, perfeição e espontaneidade; assim a ciência da vida consiste em conhecer a lei de Deus, refletindo e abraçando-a em sua totalidade, pois o fim da educação é o desenvolvimento de uma vida santa. Uma vez que a natureza e o homem procedem de Deus, e Nele se apóiam, então, Nele encontram aconchego e descanso. Sobre o destino da criança, Froebel comenta (2001, p.43):

Exteriorizar o interior, interiorizar o exterior, unificá-los, ambos, é essa fórmula geral do destino do homem. Por isso, os objetos

⁶ Traço característico do racionalismo do século XVII.

exteriores excitam o homem para que os conheça em sua essência e em suas relações: para os objetos, o homem está dotado de sentidos, isto é, de instrumentos com os quais pode interiorizar as coisas que o rodeiam.

Nesse processo de interiorização e exteriorização podemos entender que a educação é a busca da essência das coisas, na dupla relação do externo com o interno, e inversamente, seguindo a espontaneidade e adaptando a natureza em mútua compreensão e intimidade com Deus, imitando os exemplos de Jesus, o filho de Deus⁷.

O princípio norteador do ensino está na consideração do individual e do particular como manifestações do universal, e o universal por sua vez está presente no particular e individual, exteriorizando o interior, e nesse movimento de interiorização se mostra a necessária unidade das duas instâncias (Froebel, 2001, p.43). Para Froebel, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, por isso, o homem deve trabalhar, porque o trabalho é uma atividade criadora desenvolvida de maneira viva, dando ao o homem tudo que ele possui, isto é, a força física e o pensamento são atividades supremas de Deus⁸. Nas palavras de Froebel (2001, p. 185):

O homem forma-se e desenvolve-se não só pelo que recebeu de fora desde menino, mas também pelo que trabalhou, desenvolveu e tirou de si mesmo. É o que indicam as palavras desenvolvimento e educação. (grifos do autor)

De acordo com Froebel o universo é um organismo espiritual que se revela igualmente na força do mundo mental e no desenvolvimento do cosmos, pois o homem é o

⁷ A idéia do filho ser sempre uma criança junto do pai é própria do Cristianismo, tanto que nos evangelhos fica patente esta relação, quando Jesus afirma que para estar no reino dos céus é preciso ter a pureza das crianças.

⁸ Esta é uma característica da sociedade burguesa que resulta da Reforma protestante, pois até então o trabalho era o sofrimento decorrente da perda do paraíso. Na sociedade moderna o trabalho dignifica o homem; essa idéia foi tema do livro de Max Weber, *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1992).

produto mais perfeito da evolução, combinando o mental com o físico, atingindo assim a consciência de si mesmo e por esta consciência o homem sente, compreende e conhece seus poderes, e assim entendemos que a consciência é o maior passo do progresso no processo cósmico, em virtude dela o homem conhece suas próprias experiências, seus próprios fins, atinge a liberdade e busca a perfeição, podendo evoluir até uma condição mais nobre. Levando em conta este raciocínio Frederick Eby (1976, p.476) afirma que:

Froebel contribuiu também para a pedagogia moderna quando afirmou que o ser humano é dinâmico e produto não somente receptivo mas uma força autogeradora e não uma esponja que absorve conhecimento exterior.

A reflexão sobre a pedagogia froebeliana segue nessa direção e está totalmente voltada para a criança, essa atividade prosseguiu e ganhou novas contribuições do pensamento contemporâneo, mais especificamente dos pedagogos do século XIX, que intensificaram as discussões e sistematizaram novas práticas voltadas para a educação infantil.

No início do processo cognitivo o mundo exterior e a criança se confundem, e só começa ficar mais nítida essa separação quando os objetos destacam-se através da palavra. Dessa forma a criança desenvolve primeiro a audição e em seguida a visão. Acompanhando o progressivo desenvolvimento dos sentidos também se desenvolve o uso dos membros, o exercício do corpo, que é muito importante, ou seja, o estar em pé, o primeiro sorriso, ambos muito relevantes para o desenvolvimento da criança. Essas considerações foram feitas por Froebel e reforçam o sentimento de infância surgido na Modernidade. Eis o raciocínio de Froebel (2001, p.44):

O uso perfeito de todos os membros se dá na posição vertical quando a criança está em pé – estar em pé é achar o centro da

gravidade de nosso corpo. esse momento da evolução tem tanta importância como teve, no momento anterior, o sorriso-expressão física de que a criança se dava conta de si mesmo- e como haverá de ter, na última faz e do crescimento, a plena consciência moral e religiosa, qual, que por sua vez, é algo como o ergue-se, o por-se em pé do espírito humano.

A primeira educação da criança implica em algumas ações simples, tais como: colocar objetos ao lado do berço, evita a lentidão do corpo e a frouxidão do ânimo, exemplificando: diz que devemos colocar uma gaiola com pássaro também ao lado ao berço, para que com seus movimentos cativem os sentidos e alimente a atividade espiritual. Portanto, a primeira infância é o período de dependência da criança que demanda a dos pais, pois espiritualmente e emocionalmente a criança e seus pais são uma unidade, assim como o broto vivo surgiu do ramo, e forma com aquele uma unidade.

Após a primeira infância, vem a fase de menino, considerada a fase mais importante porque aqui o homem conhecerá o mundo e o interpretará; a sua educação deve ser iniciada como se fosse a continuação dos cuidados físicos e da formação moral. Nesse período a educação depende inteiramente da mãe e do pai, ou seja, da família, pois ela o ajudará a nomear os objetos e reconhece-los. É nesse período que o jogo a linguagem constituem os elementos por meio dos quais a criança vive, dando a todas as coisas da vida a sensibilidade e a palavra. O brincar e o jogo são produtos espirituais dessa fase, sendo manifestações espontâneas da vida interior e que provocam alegria, liberdade, satisfação e paz; resumindo, a harmonia com o mundo. O jogo é a fonte de tudo que há de bom, e toda vida interior está presente nos jogos espontâneos. Dessa forma, as qualidades naturais da criança e a sua maneira de viver, peculiar à essa idade, influirão mais tarde nas suas

relações com a família, com a sociedade e com Deus. Froebel, (2001, p.48) aponta também para os cuidados que devem ser tomados em relação à alimentação:

Temos de dar real importância, durante esse anos da infância, às comidas e alimentos, pois não só na vida atual da criança já é de conhecimento que a alimentação contribui para fazê-la ativa ou indolente, animada ou desanimada, débil ou vigorosa, rápida ou lenta. Além disso a alimentação exerce uma positiva influência sobre todo o resto de sua vida, porque as impressões, as tendências, as paixões, as boas ou más disposições de seus sentidos e de suas energias morais determinam toda formação do homem.

Percebemos então, que a alimentação faz parte da educação para a boa formação da criança, ela é determinante no tipo de pessoa que essa criança se tornará, pois a nutrição influenciará até mesmo na felicidade ou infelicidade, nas atividades físicas e espirituais. Desse modo, cabe não só às mães e ao ambiente familiar, mas também as jardineiras⁹ os cuidados relativos à alimentação das crianças pequenas. Quando falamos em formação da criança, pensamos a formação integral, isto é, sob todos os aspectos, inclusive o vestuário. Froebel (2001, p.50) preocupou-se também com este aspecto:

Por outro lado, se se quer que o menino, o homem, nessa etapa do seu desenvolvimento, possa mover-se e julgar sem obstáculos, possa crescer e forma-se com liberdade, convém também que suas roupas não estejam demasiadamente estreitas e apertadas, porque tais vestimentas apertam e oprimem igualmente o espírito do homem.

Percebe-se que a questão tanto da alimentação, quanto da forma de se vestir está vinculada aos cuidados com a vida espiritual da criança, pois a mesma lei que age no desenvolvimento orgânico, age no desenvolvimento espiritual. Sendo assim a criança é boa em sua essência¹⁰, possui virtudes tais como: coragem, perseverança, resolução, prudência, operosidade que estão relacionadas inteiramente com a vida física e virtudes do coração,

⁹ Froebel denomina de jardineiras as mulheres encarregadas á educação das crianças pequenas.

¹⁰ Traço nitidamente platônico.

como a inteligência, vontade, simplicidade e amor fraternal. Existem também algumas virtudes sociais que serão desenvolvidas através dos jogos infantis: tolerância, consideração, compaixão, encorajamento.

Ora, se falamos das virtudes, existem também os males que outra coisa não são que as virtudes pervertidas advindas da negligência da mãe ou da ama, e são: a teimosia, a fraude, a falsidade, a desconfiança, a sensualidade, a vaidade, o convencimento, a aversão ao trabalho e ao brinquedo. Para evitar os infortúnios o menino deve agir em obediência à Deus e à natureza para que não seja corrompido por esses males; Froebel (2001, p.23) comenta: *Desenvolver a educação é o caminho que conduz a vida, o único que guia com segurança à realização das aspirações internas e a realização também de suas aspirações externas.*

A busca do conhecimento do divino, do espiritual e do eterno que existe na natureza exterior tem na a educação objetiva a fonte de compreensão do desenvolvimento humano como processo dependente da sucessão contínua da evolução da vida humana. Os materiais destinados à educação no jardim de infância devem ter o propósito de favorecer a observação sensível da vida, especialmente da natureza, produzir a compreensão da unidade dos fenômenos naturais e vitais, para isso os materiais utilizados deveriam possuir essas funções. Froebel elaborou vários materiais que mais tarde, ficaram conhecidos como dons, tais materiais não eram invenções do autor, mas resultaram das análises e observações dos brinquedos infantis de sua época, o que lhe possibilitou construir um

método para desenvolver todas as faculdades da criança, consideradas também como atividade religiosa para as crianças.

Podemos dizer que Froebel não só contribuiu para a pedagogia moderna, quando concebe o ser humano como essencialmente dinâmico e produtivo, mas também pela sua contribuição à educação infantil na Europa e na América, pois a sua teoria subsiste até no momento atual, quando falamos de instituições destinadas à infância, quer sejam creche, pré-escola ou jardim de infância.

1.2.3. Montessori

Depois de Froebel a concepção de infância passou a enfatizar o aspecto biológico do crescimento e desenvolvimento. Entre os teóricos mais relevantes também merece menção nesta dissertação a educadora italiana Maria Montessori (1870-1952), ela estava convicta de que a infância terminava no momento da conclusão da escola elementar, e que a criança era vista freqüentemente como um incômodo constante para o adulto preocupado e cansado por ocupações cada vez mais absorventes, não dispondo de um tempo para as crianças. Na moral vigente, até meados do século passado, a criança devia comportar-se bem, manter-se em silêncio, sem tocar nas coisas da casa, as quais não lhe pertencia pois nem mesmos os móveis tinham o tamanho apropriado, permitindo o seu uso pela criança pudesse sentar-se ou usufruir dos utensílios da casa, que mais se mostrava como um lugar cheio de obstáculos para ela, impedindo o seu desenvolvimento. As novas preocupações fazem com que a vida da criança assuma no final do século XIX, um aspecto diferenciado pois a questão da higiene penetra nas classes populares e as crianças

passaram a receber noção de disciplina social e dignidade. Para Montessori (1987, p.11) a infância é o momento construtivo da vida do adulto, nesse sentido afirma:

[...]tocar na criança significa tocar no ponto mais sensível de um todo que tem raízes no passado mais remoto e se dirige para o infinito do futuro. Tocar na criança significa tocar no ponto mais delicado e vital, onde tudo se pode decidir e renovar, onde tudo redonda na vida, onde estão trancados os segredos da alma, porque ali se elabora a educação do homem.

Percebemos a importância atribuída aos primeiros anos de vida da criança, essa etapa define o ciclo vital da existência, para tanto exige a busca do ambiente que garanta o desenvolvimento da criança, um lugar que lhe faça sentir-se segura e integrada ao espaço social; é sobre o ambiente que se deve agir para liberar as manifestações infantis, e essa libertação se faz no sentido de conhecer descobrindo as peculiaridades do pensamento infantil, até então ignoradas pelo mundo adulto. Montessori, (1987, p.130) afirma que na infância encontra-se o destino da vida futura, e se queremos conseguir benefícios para a sociedade, faz-se necessário apoiarmo-nos na criança, salvando-a dos desvios que habitualmente as desviam do pleno desenvolvimento afetivo e cognitivo.

As contribuições trazidas pela autora dão destaque ao ambiente propício para a criança realizar a atividade educativa, algo que senão ignorado, era negligenciado pela percepção do adulto, pois quase nada pertencia à criança, e até mesmo o processo de escolarização era muitas vezes uma tarefa árdua para criança, sofrendo castigos e sendo vítima de maus tratos praticados pelos adultos. Contrariando a orientação da sociedade da época, Montessori questionou as práticas sociais destinadas à infância, na sua concepção estava presente a criação de escolas para crianças, algo que ela própria fez em seis de

janeiro de 1906, quando inaugurou a primeira escola para crianças pequenas com idade entre três e seis anos; a sua escola recebia os filhos de analfabetos e tinha a finalidade de ajudar as mentes infantis a crescerem fortes e saudáveis. O seu método educacional enfatizava o ambiente e exigia do professor um auto-exame, a renúncia à tirania, expelindo do coração a ira e o orgulho, para ser humilde e revestindo-se de caridade, sendo passivo, para que a criança possa se libertar do obstáculo de sua própria atividade, de sua autoridade, a fim de que ela se torne ativa, autônoma e satisfeita.

A escola pensada por Montessori tinha o cuidado de ter tudo adequado ao corpo infantil tudo deveria ser medido, além de colocado em ordem para que as crianças pudessem se concentrar nas atividades educativas; o material adaptado às proporções do corpo infantil, as salas claras, com janelas baixas e ornadas de flores, móveis pequenos de todos os tipos, cortinas graciosas, armários baixos, para que as crianças pudessem alcançar e assim retirar e colocar como desejassem os objetos educativos. Nas palavras de Montessori (1987, p.131): *o professor sem cátedra, sem autoridade e quase sem ensinar, e a criança transformada em centro da atividade, aprendendo sozinha, livre na escolha de suas ocupações e dos seus movimentos.*

O zelo pedagógico de Montessori mereceu o seguinte comentário de Maran (1977, p. 41):

Um dos pontos fundamentais quanto ao uso do material está relacionado com a liberdade de escolha, que é um aspecto da liberdade responsável, na qual a criança se exercita. Porque a aprendizagem torna-se interessante e eficaz. a criança escolhendo o material, afirma-se como pessoa e encontra no seu trabalho gratificações profundas.

É notável o respeito à criança, de um ser que espera tudo do adulto e a ele deve toda a sua aprendizagem, uma criança que aprende também com esse ambiente preparado para recebê-la. Revisitando o legado de Montessori é de se perguntar se as escolas de educação infantil estão preparadas realmente para ser o ambiente adequado para o desenvolvimento da criança, ou será que ainda perdura a velha noção de educação infantil como concessão feita pelo mundo adulto?

Com todas essas contribuições teóricas dos diversos pensadores da educação infantil surgidas a partir do século XVI, em resposta à situação de pobreza, abandono e maus tratos a que eram submetidas¹¹ as crianças pequenas, teve início e se desenvolveu lentamente a concepção de pré-escola baseada no binômio cuidado e educação.

As páginas precedentes quiseram evidenciar que a modernidade trouxe consigo um novo sentimento de infância. A criança que era um ser quase imperceptível na idade média, passa a ser teorizada por diversos pensadores que acreditam ser a infância a fase mais importante da vida, por encontrar nela a formação da personalidade, dos hábitos, das atitudes do seu vir a ser adulto. A próxima seção deste capítulo é dedicada às ações que foram desencadeadas pela sociedade brasileira para introduzir os cuidados destinados à proteção das crianças.

1.3. As ações em defesa da infância na sociedade brasileira

¹¹ Infelizmente ainda são.

No Brasil a descoberta da infância está associada à revolução industrial e, conseqüentemente, ao trabalho feminino; esse é o argumento de Leite, (2001, p.20): *A infância passa ser visível quando o trabalho feminino deixa de ser domiciliar e as famílias ao se deslocarem e dispersarem, não conseguem mais administrar o desenvolvimento dos filhos pequenos.*

O desenvolvimento da atividade industrial acarretou o êxodo rural e a necessidade de criação de instituições que amparassem a primeira infância, pois a questão do abandono das crianças era algo que vinha desde o período colonial. A roda dos expostos¹² ilustra bem essa situação de abandono que afetava as crianças até bem pouco tempo. Trazida da Europa juntamente com outras práticas culturais do velho mundo, a roda dos expostos funcionou no Brasil desde 1700, mas ainda no século XIX era utilizada. Parte das crianças abandonadas em orfanatos conseguia ser entregues às famílias de adoção para serem criadas. Sobre esse aspecto acrescenta Mesgravis, (1975, p.422)

O encaminhamento dos expostos para uma vida útil tornou-se mais fácil a medida que a província se desenvolvia criando condições econômicas para sua sobrevivência. Mas o fator mais importante foi o fim do sistema escravocrata o que obrigou a aceitação social do trabalho livre, inclusive o feminino.

As crianças poderiam ser criadas distantes de sua origem. Mais tarde, ou quando cresciam, serviam para adoção ou para ingressar no mercado de trabalho como mão de obra barata. Notamos ainda que a roda dos expostos estava associada aos valores impostos pelo cristianismo, aos padrões morais da sociedade em relação ao adultério principalmente por

¹² Dispositivo giratório comum na Europa; as crianças eram colocadas na abertura da roda e, em seguida, girada levando a criança para a parte de dentro dos orfanatos, sem que os pais fossem identificados ; Rousseau

parte da mulher e também a preservação da vida como dever sagrado; sobre a origem dos expostos, comenta Mesgravis, (1975, p.408): *as mulheres livres, brancas, pardas ou negras forras, sem condição social definida e sem família para protege-las, as quais acreditamos formam o maior contingente das mães dos expostos.*

No século XX, na década de 1920 o movimento operário que lutava passou a reivindicar creches para os filhos dos trabalhadores. A maior parte das creches era de iniciativa das fábricas ou ligadas às entidades religiosas. As entidades religiosas, oriundas da Europa que acompanharam o ciclo imigratório iniciado com o processo de abolição da escravidão. O maior fluxo imigratório foi no final do século XIX e início do Século XX. O objetivo das ordens religiosas era a catequese e a educação dos filhos da pátria de origem. Em relação às crianças filhas das elites brasileiras, em 1875 foi projetado por Ramos de Azevedo o primeiro jardim de infância do Brasil no estilo do Kindergarten, inspirado na pedagogia de Froebel e com material didático importado, esse estabelecimento estava localizado nos fundos da Escola Normal na cidade de São Paulo, para crianças de 4 a 7 anos.

Embora o sentimento de infância mude com o tempo, essa mudança para a criança carente é muito pequena; apesar de algumas iniciativas de amparo á infância ainda assim o abandono da criança ainda é praticado e a exploração do trabalho infantil persiste como uma triste realidade. Esses fatores são responsáveis pela alta taxa de mortalidade infantil, intensificada com a propagação de doenças infantis em decorrência da falta de higiene. O discurso republicano tratou da valorização da criança, apresentando-a como herdeira da

deixou seus 4 filhos na roda dos expostos, estima-se que na França do século XVIII ¼ das crianças eram

República; segundo Monarcha (2001, p.123) esse discurso convidava: *Os novos a herdarem o novo regime e a protagonizarem, no transcorrer de suas vidas, uma história fabular, enredo deve ser a liberdade e o progresso.*

Contudo, somente décadas mais tarde, já em meados do século XX é que a criança passou a ser lembrada. No que se refere ao sistema nacional de educação, Oliveira, (2002, p.102) lembra que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovada em 1961 (Lei 4024/61) incluiu os jardins de infância no sistema de ensino em conformidade com os artigos citados abaixo:

Art. 23 – “ A educação pré-primária destina-se aos menores de até 7 anos e será ministrada em escolas maternas ou jardins- de-infância.”

Art. 24 – “ As empresas que tenham a seu serviço mães de menores de sete anos serão estimuladas a organizar e manter, por iniciativa própria ou em cooperação com os poderes públicos, instituições de educação pré-primária”.

Eis os comentários de Oliveira dedicados aos artigos em questão (2002, p. 110):

O aumento da demanda por pré-escola incentivou, na década de 70, o processo de municipalização da educação pré-escolar pública, com a diminuição de vagas nas redes estaduais de ensino e sua ampliação nas redes municipais. em 1972 já havia 460 mil matrículas nas pré-escolas em todo o país.

A infância esteve subordinada aos interesses políticos, sociais e econômicos, somente em 1977 houve propriamente o primeiro programa brasileiro de educação infantil: o Projeto Casulo, implantado pela Legião Brasileira de Assistência, visando proporcionar complementação alimentar, evitando os danos da desnutrição e oferecendo estímulos psicossociais fundamentais para o bom desenvolvimento da criança. Cabe registrar ainda que as creches eram destinadas aos filhos das camadas populares e as atividades dessas instituições estavam diretamente ligadas à assistência da saúde sem um programa coeso de educação e escolarização; já a pré-escola era destinada aos segmentos mais abastados, com vistas a educação das crianças menores de seis anos.

Considerando que o tema dessa dissertação é *o Jardim de infância Suzana de Paula Dias*, que funcionou de 1967 a 1972, devemos reiterar que a experiência uberlandense foi de responsabilidade do poder público, pois naquele período a educação pré-escolar ainda não despertava grande interesse da sociedade e não encontrava lugar no imaginário, de modo que ainda não fazia parte das aspirações das camadas mais humildes da sociedade, que desde cedo encaminhavam as crianças para o mercado de trabalho para auxiliar no sustento da família.

Somente na segunda metade da década de 1980 a luta em defesa da infância movida pelos de grupos organizados levou a Assembléia Nacional Constituinte (1988) a repensar os cuidados destinados às crianças e a promulgar, dois anos depois o Estatuto da Criança e do Adolescente com a lei 8.069 de 13 de julho de 1990. Esta lei regulamenta o capítulo referente à educação da Constituição Federal. A criança de 0 a 6 anos passou a ter definido o seu status educacional. Contudo, antes do Estatuto da Criança e do Adolescente,

a Portaria 321 de 26 de maio de 1988 do Ministério de Saúde já vinha fixando as normas que orientam a construção, instalação funcionamento das creches no país, ficando as mesmas sob fiscalização das secretarias de saúde do Estado.

Em Minas Gerais, Salomão, (1999, p. 143), afirma que a legislação estadual nem sequer comenta as questões educacionais relacionadas à criança menor de 7 anos de idade. Na Constituição Estadual foram priorizados os enfoques relativos à regulamentação para criação de novas escolas, normas para seu funcionamento , sem dar ênfase aos aspectos do direito à educação, à moradia, à saúde, ao lazer, etc.

Recentemente na cidade de Uberlândia foi elaborada as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil em 2003, que traz em seu conteúdo uma retrospectiva histórica da educação para criança de 0 a 6 anos, neste documento oficial encontramos a seguinte informação (2003, p.06):

As primeiras instituições de atendimento às crianças de zero a seis anos foram organizadas por igrejas e outras entidades filantrópicas. Mais tarde se agregaram às associações de bairros, reunindo forças para cobrar do poder Municipal mais responsabilidade para com a educação infantil.

As instituições mencionadas acima eram destinadas à classe operária da cidade, pois os jardins de infância, mesmo quando atendiam às crianças advindas das camadas mais humildes da população, não representavam um número expressivo, a época em se situa a instituição que estamos pesquisando, entre o final da década de 1960 e o início da década

de 1970¹³. As creches eram destinadas aos filhos da classe menos privilegiadas e os jardins de infância às camadas média e alta da sociedade.

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/1996 estabelece de forma incisiva o vínculo entre os cuidados com as crianças de 0 a 6 anos e a obrigatoriedade da educação. Para tanto o Ministério da Educação e do Desporto oferece como documento normatizador o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. O documento propõe e valoriza o conhecimento de mundo, que possa interessar à criança em vários domínios, apresentando uma proposta reflexiva da ação pedagógica para esta faixa etária.

A conclusão deste capítulo é também a constatação de que a criança tem a sua história que se mostra como a de qualquer outra faixa etária, marcada pelas lutas para consolidação do respeito à vida e às diferenças, quer sejam sociais, étnicas ou até mesmo individuais. Notamos o quanto a criança “foi” violentada em seus direitos desde o início da sua existência, desde as épocas mais remotas, com o infanticídio, ou quando considerada um adulto em miniatura, mesmo durante a revolução industrial a sociedade não manifestou grande preocupação com a situação das crianças das camadas populares que ficaram abandonadas embaixo das máquinas industriais ou comidas por cachorros e porcos nas ruelas das cidades. Mas, vimos também que muitas iniciativas foram tomadas e culminaram na criação das instituições destinadas às crianças pequenas, quer seja para apenas cuidar da

¹³ Atualmente, continuando o processo de municipalização da educação infantil iniciado na década de 1970, a Prefeitura gradativamente tem ampliado o atendimento pré-escolar. A Secretaria Municipal de Educação, em conformidade com a legislação vigente (Lei 9394/96), está transformando as instituições públicas municipais

criança, até que as mais variadas legislações passaram a olhar para a criança. Não podemos nos esquecer a importância que os teóricos tiveram para a consolidação dos direitos da infância; a sociedade civil organizada também desenvolveu papel determinante para a melhoria da assistência à infância. Muito já foi feito, mas ainda é pouco, há muito o que fazer, e esperamos que esta dissertação seja também um espaço de reflexão para a busca da qualidade de vida para a criança pequena. Sabemos que a modernidade trouxe consigo o nascimento da infância e com ela todos os desafios para a boa educação da criança.

Em suma, neste capítulo foi possível identificar o nascimento do sentimento de infância, cuja ênfase recaiu sobre os cuidados destinados à criança, dentre os quais a instrução foi a maior reivindicação dos humanistas. Os pedagogos modernos associaram a instrução com outros cuidados, tentando pensar a educação infantil integrada às outras atividades vitais que ocupam o tempo da criança. A industrialização trouxe consigo instituições destinadas às crianças; primeiro o orfanato, depois os jardins de infância e as creches. Essa evolução social é de grande importância para a análise da experiência uberlandense, antes disso, nos deteremos na análise da revista *AMAE educando* que exerceu influência significativa no cotidiano do *Jardim de infância Suzana de Paula Dias*. Portanto, uma vez situado na história o lugar da criança, passaremos a analisar o entendimento que o mundo adulto tinha da criança e da sua educação na época em que a instituição tema desta dissertação existiu.

em Escolas Municipais de Educação Infantil com caráter educacional, trata-se de um processo ainda em desenvolvimento.

Como o discurso filosófico e as elaborações pedagógicas agem no interior da instituição escolar? Como ocorre a transposição do plano teórico para o trabalho efetivo no cotidiano escolar? Para responder a estas indagações é preciso que, antes da análise do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, seja abordada a metodologia de ensino que norteou o funcionamento daquela pré-escola de existência tão breve. É o que faremos no próximo capítulo, iremos discutir a influência de uma revista pedagógica regional que exerceu grande influência na prática pedagógica dos profissionais da educação que trabalharam na instituição que analisamos, tentaremos elucidar a presença das grandes matrizes filosóficas e pedagógicas no periódico, para depois, no último capítulo nos depararmos com o funcionamento do estabelecimento de ensino pré-escolar.

CAPÍTULO 2

A REVISTA *AMAE Educando*

No capítulo anterior abordamos as questões relacionadas à criança desde o século XVI, desenvolvendo um panorama histórico das concepções de infância veiculadas ao longo da modernidade, propiciando uma visão bastante teórica do ser infantil. Neste momento devemos nos ater aos fundamentos do trabalho pedagógico com a criança pequena na de que se ocupa esta pesquisa. Este capítulo aborda um dos veículos que nortearam de maneira efetiva o cotidiano da instituição, tornando-se para nós, como havia

sido para os educadores da época, de extrema relevância para a consolidação das concepções e das teorias de educação infantil, tal como eram tratadas nas páginas da revista *AMAE Educando*, que foi adotada pelos profissionais do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*; eles encontravam em suas atividades e nos planos de aula propostos a possibilidade de inovação pedagógica. A necessidade de trazer para a discussão o conteúdo da revista, deu-se pelo fato de que ao entrarmos em contato com os documentos escritos da escola, mais especificamente as atas de reuniões pedagógicas, percebemos que com muita frequência os artigos, os planos de aula e as concepções de educação eram citadas e tomadas como exemplos a serem seguidos.

Foi esta a razão para voltarmos a nossa atenção para a revista *AMAE Educando*, tanto que sentimos a necessidade de dedicar um capítulo para explicitar a influência trazida com a leitura de seus artigos. A respeito da participação da imprensa no cotidiano escolar, afirma Araújo (2002, p.96 e 97):

Qualquer empresa jornalística é possuidora de uma mercadoria, e ela tem um preço, qual é a razão de ser da assinatura, do anúncio comercial, senão servir como mecanismo de troca? Trocam-se informações, anúncios, idéias, concepções, lazer através da leitura por dividendos políticos e econômicos. [...] Porém, tais informações e concepções não são mercadorias isentas de ideologização política e econômica, mesmo que a atividade jornalística seja pública.

O periódico em questão, de início era de circulação regional. É importante lembrar que a época delimitada nesta pesquisa, ainda havia poucos cursos destinados à formação de professores de pré-escola. A revista ganhava importância e era determinante na definição da concepção de infância, de metodologias voltadas para o processo de ensino e aprendizagem aplicados nas atividades do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, este

periódico influenciou significativamente o cotidiano escolar. Esse aspecto é relevante, uma vez que a circulação de informações também é peculiar ao funcionamento do sistema capitalista vigente; sobre a relação escola-imprensa, manifestou-se Melo (1994, p 17):

A intensificação e o refinamento das relações de troca, que ocorrem no bojo das transações capitalistas, as possibilidades de atuar e influir na vida da sociedade, que se afiguram na eclosão das revoluções burguesas, tornam a informação um bem social, um indicador econômico, um instrumento político.

Podemos afirmar que a imprensa jornalística e os periódicos são produtos da sociedade capitalista moderna, funcionando como meios de transmissão de informações, uma vez que as idéias são formadoras de opiniões. A mensagem trazida pelo material impresso só se justifica quando se destina a um grupo social que, após acesso à informação, passa a orientar as ações sociais. Para Araújo (2002, p.97):

[...]uma dada revista constitui-se no elemento mediador entre a coletividade por ela abrangida e a organização responsável pela publicação. Tal mediação, tanto da parte do emissor (a organização) quanto da do receptor (a coletividade), não está imune às influências ideológicas ou culturais, tais como a reflexão sobre temas morais, as representações sociais sobre a criança ou sobre a mulher, exaltação ao civismo, notícias locais ou regionais, homenagem através de pequenas notas, acrescidas de fotos, às personalidades do mundo político e econômico local e regional a fim de prestigia-las, prestar-lhes honrarias ou tributar-lhes o respeito.

A revista *AMAE Educando* foi o fruto de discussões que refletiam os ideais de educação em Minas Gerais, e conseqüentemente do Brasil. Não há como negar que os processos sociais, sejam eles de âmbito local, regional ou nacional, estão interligados entre si num processo dialético que sustenta a sociedade. Analisando os vários números da *AMAE Educando* do período desta pesquisa, notamos que o paradigma de educação emergente naquela época era discutido e disseminado nas suas páginas, influenciando com

suas concepções as práticas e a maneira de entender a educação e a criança nas instituições pré-escolares.

2.1. A origem da revista AMAE Educando

O primeiro número da revista *AMAE Educando*, surgiu em outubro do ano de 1967 sendo, de início, a continuidade das publicações das jornadas organizadas pela Associação Mineira de Administração Escolar (AMAE) , com o intuito de divulgação dos trabalhos tendo em vista a discussão das dificuldades de ensino-aprendizagem da época. A redação da revista tinha sede em Belo Horizonte/MG . A publicação periódica era mensal, exceto nos meses de junho e julho, e novembro e dezembro que tinham uma única publicação respectivamente, totalizando, então, 10 fascículos anuais. A distribuição da revista ficava a cargo do Instituto de Educação de Belo Horizonte. Cada número trazia, de 40 e 60 páginas, contendo além dos temas, discussões e conteúdos educacionais, também as propagandas voltadas para áreas afins, especialmente ensino religioso. A diagramação do periódico era organizada em 02 colunas; na capa além do título da revista em destaque, comparecem desenhos infantis, fotografias de crianças para ilustrar a reportagem principal trazida no seu interior era informado também o valor unitário de cada edição. Na contracapa constava os conteúdos e as reportagens educacionais e na primeira página estavam contidos: o ano da publicação, o nome do governador de Minas Gerais na época (Rondon Pacheco), o nome do diretor geral da revista (Raymundo Nonato Fernandes), bem como os nomes do diretor do Instituto Mineiro de Educação de Minas Gerais, (o mesmo diretor geral da revista) da diretora do Curso de Pedagogia do referido instituto, (Lúcia Monteiro Casassanta) direção executiva da revista (Scyomara Ribeiro de Almeida); da equipe de

redação, diagramação e revisão, (Célia Sanches, Gilda Pazzini Lodi, Henriette Maria Félix Pena, Margarida Magda Machado Maciel, Maria Célia Bueno, Maria da conceição Santiago Teixeira, Maria Helena de Andrade, Maria Helena Teixeira Neves, Sônia Fiúza da rocha Castilho). Essas pessoas, além de fazerem parte da equipe responsável pela elaboração, eram também supervisoras de ensino durante aquele período. As ilustrações eram feitas por Ivana Alvarenga Bottrel, a secretária Eliana Maria Michel Serafim. A composição e a impressão estavam a cargo de M.I. Editora S.A.

Neste trabalho de dissertação a delimitação da análise da revista recaiu sobre as edições referentes aos anos de 1967 a 1972, visando interpretar a sua influência no cotidiano escolar, mais especificamente sobre o nosso objeto de estudo o *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*. Lembrando que a instituição encerrou suas atividades em 1972 consideramos desnecessário, neste momento, a análise das edições seqüentes¹⁴. A revista oferecia vários assuntos envolvendo as questões educacionais, que eram organizados em artigos da seguinte forma:

- 1- Psicologia: trazia propostas de atividades e orientações para a escola, os professores e a família, dando destaque aos temas relativos ao comportamento, à disciplina, à vocação e ao entrosamento das crianças.
- 2- Linguagem: sugestão de trabalhos nas áreas de gramática, de ortografia, de história, de redação, entre outros temas.

- 3- Matemática: modelos de atividades, ou seja planos de aulas envolvendo questões relacionadas a matemática desde a pré-escola até a 4ª série do ensino fundamental.
- 4- Ciências Naturais: métodos, planos de aula, propostas de atividades e assuntos envolvendo o tema.
- 5- Estudos Sociais: propostas de atividades, planos de aulas, todos envolvendo assuntos que visavam a formação da consciência pátria e dos valores da moral e do civismo.
- 6- Opinião: Um educador dissertava sobre tema relacionado a algum aspecto educacional.
- 7- Reportagem: divulgação de eventos em todas as regiões de Minas Gerais.
- 8- Entrevista: um educador respondia as perguntas que enfocavam assuntos de cunho educacional.
- 9- Poesia: apresentação de poemas de autores consagrados e de nomes não tão conhecidos.

¹⁴ A Revista AMAE Educando prossegue com suas atividades editoriais e tem aprimorado a qualidade do aspecto gráfico e também do conteúdo, tendo com isso aumentado a sua circulação, sendo inclusive distribuída em algumas escolas públicas através do Governo Federal.

10- Ensino Religioso: trazia orações, planos de aula visando a propagação dos ideais católicos.

11- Jardim de Infância: planejamentos, debates, orientações e atividades sobre a criança de pré-escolar.

No *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* as revistas eram utilizadas com frequência, nas reuniões quinzenais, presididas quase sempre pela diretora, quando ela repassava aos demais integrantes do corpo docentes as inovações pedagógicas ou os planos de aula que podiam ser extraídos da revista; é certo que não havia a apropriação mecânica das páginas, tentando transpô-las de maneira acrítica para o espaço da sala de aula; o conteúdo das revistas norteava o trabalho pedagógico e permitia à equipe a ampliação das suas competências. Esta autonomia fica evidente nas entrevistas com os ex-professores.

Nas próximas páginas passaremos a analisar os temas constantes da revista e que estão diretamente ligados à dissertação. A seleção dos temas não foi arbitrária, ela foi feita em conformidade com os documentos do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, principalmente as Atas das reuniões pedagógicas. Portanto estaremos analisando a concepção e as proposições que a revista *AMAE Educando* trazia sobre a criança, funcionamento do jardim de infância, o papel da família. Esses temas reaparecerão nas considerações finais, quando confrontaremos as concepções de infância contidas no primeiro capítulo com a linha editorial da revista *AMAE Educando*.

2.2- AMAE Educando: A criança

Em outubro de 1969, a edição Nº18 da *AMAE Educando* discutiu as diversas concepções de criança enunciadas pelos profissionais envolvidos com a educação. Para José Maria Alkmim, então Secretário de Educação do Estado de Minas Gerais da época, a criança é:

Não só matéria prioritária. Não representa só a certeza que a vida vais continuar. Não é só a forma literária que usamos para definir a função de muitos de nós[...] Uma criança é um filho, é um neto, é um aluno, que deve merecer de nós, do mais íntimo do nosso sentimento, o empenho de tudo fazer por ela[...]Vejo em cada criança, nos estabelecimentos de ensino, os meus netos multiplicados nas classes, multiplicados de uma forma infinita por todo o estado[...]ela será o resumo de tudo que temos de bom. Por isso será também o amanhecer de uma humanidade, muitas, muitas vezes melhor.

O Secretário de Educação do Estado de Minas Gerais expressou o entendimento tradicional de infância que remonta ao humanismo, cuja concepção de infância estava associada à idéia de família, da continuidade da vida e da esperança de um futuro melhor. A posição do Secretário se opôs aos velhos paradigmas, que cerceavam o espaço da criança; quanto à liberdade, este tópico ainda careceu de aprofundamento, fica apenas a esperança para que a infância possa realizar aquilo que o adulto não conseguiu realizar no presente, cada geração tem seu espaço de luta e realizações.

Outro depoimento contido no mesmo fascículo citado acima traz o depoimento da madre Emiliana Molinari, diretora do Lar das Meninas São João Batista, para ela a infância é:

“Momentos de angústias mesclados de esperança. Um choro...um sorriso... uma vida-ei-la pequena ainda, um ser cujo rosto e olhos

brilhantes revelam a inocência de uma alma cândida, maravilha do criador”.

Esta manifestação nos remete a Rousseau, para quem a criança é um ser inocente e a sociedade é a força perniciososa que a corrompe; para Molinari a infância é um período triste marcado pela angústia, o teor deste depoimento pode estar dirigido pela realidade vivenciada pela religiosa que dirigia uma instituição destinada às crianças vítimas do abandono, do descaso e de maus tratos; contudo, ao ser fitada nos olhos, a criança revela a maravilha de Deus, talvez revivendo a imagem de Jesus menino, e assim, a religiosa passa para a sociedade uma concepção marcada pela figura de Cristo, do sofrimento e da esperança, o que nos faz recordar a descoberta da infância no século XIII através das imagens do menino Jesus e a maternidade de Maria.

Ainda retratando a idéia de infância presente no fascículo 18 de 1969, a Delegada de Ensino de Belo Horizonte, Marieta Nascimento afirma:

O riso fácil, o rosto atento e, muitas vezes com a maravilhada expressão de ter descoberto, nas pequenas coisas com que lida, enorme e encantadas revelações[...] anda o dia quase inteiro, às voltas com as mil “obrigações” do seu mundo: tentar alcançar a lua com uma vara bem alta, a maior que achou, bater longos papos com Gigio; ensaboar os peixinhos do tanguê[...]um ar de anjo travesso no Rosato cílios enormes e as duas mãos pequenas segurando no adormecido abraço, sua trouxinha de brinquedos.

Uma infância do faz-de-conta, da curiosidade; a representação da criança que se abre para o mundo, faz descobertas que cotidianamente vão construindo sua relação com esse mundo. Diferenciando-se da Madre Molinari e do Secretário Alkmim, a Delegada de Ensino acredita que a infância é o momento de brincar e de vazão à imaginação. Esta mentalidade esteve presente no *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, sobre esse

aspecto é oportuno transcrever o trecho da entrevista feita com uma das ex-professoras da instituição pesquisada¹⁵:

Gostávamos que as crianças pudessem brincar bastante, pois o que é ser criança sem brincar, e lá nós tínhamos essa preocupação e cuidar para que elas não se machuquem, principalmente durante os horários de pátio”. (entrevista nº5)

Um novo modo de pensar a infância começa ser vivenciado não somente nos jardins de infância, mas também nos meios de comunicação principalmente nas revistas educacionais, é o caso da revista *AMAE Educando* que almejava o funcionamento da pré-escola que viesse proporcionar o bem estar da criança consigo mesmo e na sua interação com o grupo social. Este pensamento está presente no depoimento da educadora Maria Helena Teixeira, na 1ª edição do ano de (1967, p:17):

A vida no jardim deve promover ou preparar transição entre o estado de pensamento egocêntrico e o de pensamento socializado. No ambiente de alegria, a escola infantil deverá oferecer às crianças condições adequadas onde possam através de muitas experiências, adquirir certos conhecimentos, hábitos, atitudes”.

A influência crescente da psicologia na educação escolar possibilitou aos educadores o aprimoramento da compreensão das fases do desenvolvimento da criança; para que o cotidiano dos jardins de infância não fossem reprodução das escolas de 1ª a 4ª séries¹⁶, evitando na pré-escola equívocos que impedissem a disseminação das atividades peculiares à criança pequena, cuja especificidade deve ser respeitada. No final da década de 1960 ainda era comum a idéia de que o ensino pré-escolar fosse tão só a preparação para as

¹⁵ Para identificar nossas entrevistas que seguem transcritas na íntegra ao final do trabalho, numeramos de 1 a 7 os entrevistados.

¹⁶ Anterior à Lei 5,692/71 este primeiro ciclo era conhecido como o período do Grupo Escolar.

séries iniciais ensino fundamental, como argumenta no artigo supracitado a mesma a educadora:

Assim, quando as crianças estiverem pintando, serrando madeira, olhando gravuras, ouvindo poesias, buscando, elas estão se preparando para a árdua arrancada para a aprendizagem na 1ª série.

A realidade escolar ainda mantém a impressão de que as séries iniciais são muito enfadonhas, quase que um castigo, enquanto que a pré-escola — o jardim de infância — é o último lugar em que a criança pode florescer; pois dali para frente a vida escolar não oferecerá mais as atividades prazerosas da educação infantil.

2.3- AMAE Educando: Concepção de Jardim de Infância

Depois da abordagem das páginas mais significativas dedicadas à veiculação da concepção de criança, é oportuno explorar a definição de jardim de infância contida nos fascículos da revista *AMAE Educando*, cujo consenso recaia sobre a idéia de tratava-se de escolas, particulares ou públicas que deveriam atender as crianças entre 4 a 6 anos de idade, preocupando-se em proporcionar o desenvolvimento contínuo, harmonioso e integral da criança, nos seus mais variados aspectos: físico, mental, emocional e social. Esses cuidados estavam contemplados no o artigo 51 do Código do ensino primário:

- 1- Cercar a criança de um ambiente sadio, no qual ela possa viver e conviver bem com o grupo que lhe pertence;
- 2- Dar-lhe oportunidade de se expressar livre e espontaneamente, através de atividades artísticas e criativas;

3- Prepará-la para a futura aprendizagem escolar.

Para atingir os objetivos expostos acima, a Secretaria da Educação de Minas Gerais em seu código do ensino primário de 14 de dezembro de 1965 orientava as ações visando:

- a- dar à criança oportunidade de sentir alegria em experiências com pessoas, especialmente, com outras crianças, os seus amiguinhos; com a natureza, com o material de manipulação, etc.
- b- assisti-la na aquisição das habilidades de idealizar e executar planos, bem como de resolver situações problemáticas;
- c- proporcionar-lhe meios de tornar-se atenta e perseverante no desempenho de suas tarefas;
- d- habilitá-la a procurar auxílio, quando necessário, por meio de vários recursos, como perguntas, consulta em livros de gravura, pesquisas orientadas pelas professoras e pelos pais, entrevistas, etc;
- e- levá-la a expressar-se livremente por meio da pintura, do desenho, da modelagem, de argila, da construção com blocos de madeira ou papelão, etc;
- f- zelar por sua integridade física;
- g- ajudá-la na manifestação clara das idéias e na articulação correta das palavras;
- h- despertar o interesse por histórias e desenvolver a capacidade de prever novos episódios ou seus desfechos;
- i- levar a observar semelhanças e diferenças;
- j- promover a confiança em si e a alegria nas suas realizações.

Fonte: *Revista AMAE Educando*, Ano 1, nº1, 1967.

Reproduzimos na íntegra os objetivos do Código do ensino primário porque na esfera estadual foi este documento uma das poucas diretrizes destinadas à criança pré-escolar. No final do artigo que tratava do Código estadual, a criança era comparada à semente, se fossem bem lançadas produziria belos frutos, isso porque quando as crianças brincam, ouvem músicas, histórias e poesias, elas estão se preparando para a “árdua” arrancada da aprendizagem na 1ª série. Com a explicitação desses objetivos a pré-escola é vista como preparação para as séries seguintes, confirmando o caráter propedêutico da educação infantil e que para muitos educadores ainda hoje prossegue transformando a infância em uma etapa que deve ser consumida rapidamente para se chegar às séries iniciais do ensino fundamental. Faz-se necessário zelar pela infância, principalmente as crianças oriundas das famílias trabalhadoras, pois despercebidas pela pré-escola seriam carentes de cuidados e atenção, e também privadas das habilidades futuras. Teixeira (1967, p.17) afirma que a vida no jardim de infância deve promover ou preparar a transição entre o estado de pensamento egocêntrico e do pensamento socializado, evidenciando a influência da psicologia na pré-escola, aqui fica nítida a contribuição montessoriana para compreensão da criança pequena.

Em setembro de 1968, ano 1, nº 8 a *AMAE Educando* trouxe a proposta de organização das atividades do jardim de infância da seguinte maneira:

- Chegada: 15 minutos
- Atividades em conjunto: 20 minutos
- Artes: 30 minutos
- Período livre: 20 minutos

- Merenda: 15 minutos
- Recreio: 15 minutos
- Repouso : 20 minutos
- Atividades livres, brincadeiras : 30 minutos
- Preparação para saída: 15 minutos

A estrutura dos horários descritos acima foi implantada na íntegra pelo *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*. Quando uma instituição escolar adota na íntegra a orientação contida em uma revista pedagógica, é de se destacar a importância que essa revista tem para a instituição; pois a estrutura proposta dirige o modo de execução das atividades. Mais adiante quando trataremos especificamente da instituição pesquisada, veremos que um editorial pode também ajustar e moldar o modelo único para os jardins de infância, sem suscitar sequer uma discussão mais crítica sobre a realidade vivida em cada escola, acabando por simplificar a prática cotidiana a um tecnicismo reducionista, ao cumprimento de horários ordenados. É necessária a organização de uma rotina, um planejamento que organize as ações dentro da sala de aula; que pode muito bem encontrar subsídios em uma determinada revista pedagógica, contudo, sem tomá-los ao pé da letra, adotando a orientação que é formulada em um grande centro, Belo Horizonte neste caso. Em suma, a análise deste tópico evidencia que a definição de jardim de infância recaiu mais sobre a estruturação das atividades, sem privilegiar a discussão do porquê dessas atividades e da rotina sugerida.

2.4. AMAE Educando: a família

Além das concepções de criança e de jardim de infância, a *AMAE Educando* proporcionava reflexões a respeito de outros temas, inclusive o papel da família e da escola na educação da criança; a respeito da relação família-escola, Geralda Ávila, em uma edição de 1967 (nº 2, ano 1, p.5) comenta:

A estrutura da escola não é fixa. Ela se desenvolve e se modifica com a própria civilização que é chamada a transmitir e incentivar. O lar também se modifica com a civilização, hoje é chamado a se adaptar e a tomar uma posição diante das idéias da época. Mas embora modificando e influenciados pela mesma civilização, escola e lar têm cada um suas funções próprias e não podem suprir as deficiências um do outro.

As afirmações da autora são muito pertinentes, tanto que se nota no cotidiano do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* a valorização da família no desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança. A escola e o lar têm suas funções bem definidas, esta certeza apareceu no depoimento de uma ex-professora do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*:

Em nossas reuniões de pais, falávamos claramente qual era o nosso papel enquanto escola e a dos pais, pois cabe a escola ensinar os conteúdos, fazendo com que a criança desenvolva; mas o amor, os bons hábitos de educação, isso é o meio familiar que deve orientá-la. (entrevista 5)

Para os educadores da época, a leitura desses periódicos direcionava também o trabalho com as famílias, que naquele momento vivia a atmosfera de repressão trazida pela ditadura militar (1964-1985), que impunha um novo modo de vida para sociedade brasileira, um momento conflituoso que perpassava a estrutura escolar e familiar. Nesse contexto sócio-político, o periódico trazia em suas páginas a propagação dos ideais católicos e, ao mesmo tempo, questões inovadoras para as relações de ensino e aprendizagem, mas sem atentar para os conflitos internos entre as matérias veiculadas, o que deixa transparecer a atitude passiva do corpo editorial. Porém, é contraditório propor

inovações pedagógicas sem fazê-las acompanhadas da crítica da realidade, dominada pela ideologia da Segurança Nacional, que concebia a família tal como órgão repressor e fiscalizador do pleno cumprimento das proposições autoritárias de controle das liberdades individuais, dessa forma cabia à família zelar pela observância da moral e dos bons costumes, sem oferecer outros estímulos ao desenvolvimento do pensamento infantil.

2.5. Interpretando a revista AMAE Educando

A revista *AMAE Educando* surgiu em um período conturbado da história brasileira, no plano político o período foi caracterizado pela ruptura constitucional deflagrada pela ditadura militar que estabeleceu um regime de exceção. No plano educacional, após a aprovação da primeira LDB em 1961, a situação era de impasse agravada pelo crescimento da demanda escolar resultante do crescimento demográfico acelerado pela urbanização e o êxodo rural.

O breve período liberal de 1946 a 31 de março de 1964, apresentou a possibilidade de laicização do ensino com a efetivação dos valores peculiares ao escolanovismo. Contudo, a precipitação do regime militar trouxe o ideário norte-americano calcado na sua política imperialista. Esta situação pode ser comprovada com a análise dos acordos MEC-USAID que visavam a reforma estrutural do sistema escolar brasileiro (Romanelli, 1991, p. 205 e ss.).

A agência norte-americana trazia como diretriz para o sistema escolar a tendência tecnicista que devia substituir o humanismo arraigado à vida escolar brasileira. A mudança de diretriz implicou no abandono da tendência escolanovista em favor do tecnicismo no sistema oficial de ensino, tendência que é constatada, mais tarde, na nova estrutura de 1º e 2º graus para a educação básica (Lei 5.692/1971), na linha editorial do material didático, entre outros indicadores.

Considerando este quadro geral, notamos que a revista *AMAE Educando* aglutinou alguns dos valores hegemônicos da educação escolar, alguns já em declínio, outros em situação de estagnação e alguns emergentes. O moralismo pedagógico é uma das tendências predominantes da *AMAE Educando*, esta tendência naquela época estava em declínio, contudo ocupava grande espaço nas páginas da revista; Saviani (1987a., p. 49) classificou esta tendência com as seguintes palavras: *Esse tipo de “educação moralista” tem sido freqüentemente adotado nos meios religiosos, Daí a identificação corrente entre religião e moral.*

Ilustrando essa afirmação a *AMAE Educando* (Ano 06, 1972, número 54/55, p.8) reforça a necessidade da moral católica na educação da criança:

Assim preparada a criança consciente e esclarecida vai, pela participação na Eucaristia, atuar de modo eficiente no crescimento de sua comunidade, contribuindo com a sua parte no REINO DE DEUS. [...] à medida que os conhecimentos da criança vão aumentando na escola, a sua vivência religiosa também vai crescendo e não ficando para trás, como acontecia em outras épocas.

O surgimento da revista coincidiu com a crise da tendência humanista que se fez acompanhar da emergência do tecnicismo, que a partir de 1968 passou a predominar

(Saviani, 1987, p.33). em contrapartida, os ideais da Escola Nova eram contemplados nas páginas de *AMAE Educando*, isto pode ser constatado na importância dada à criança, na centralidade da criança no processo pedagógico. De acordo com o autor citado há pouco o ecletismo é peculiar à cultura brasileira e não é de assustar o fato de uma revista aglutinar tendências que sozinhas se auto-excluem. Tudo isso vai se refletir na conduta do professor, conclui Saviani, (1987b, p.43):

Em resumo: imbuído do ideário escolanovista (tendência “humanista” moderna) ele [professor] é obrigado a trabalhar em condições tradicionais (tendência “humanista” tradicional) ao mesmo tempo que se sofre, de um lado, a pressão pedagógica oficial (tendência tecnicista) e, de outro, a pressão das análises sócio-estruturais da educação (tendência crítico-reprodutivista).

Em relação à tendência escolanovista, a revista *AMAE Educando* (Ano 1, nº 3 de 1968) apresenta uma reportagem com Íris Barbosa, onde facilmente detectamos a presença do escolanovismo naquelas páginas:

Já não se admite mais um ensino padronizado, aplicável a todos os alunos, mas impõe-se como necessária a flexibilidade programática, a dosagem das dificuldades conforme a capacidade do aprendiz [...] Cada criança é única e mesmo duas crianças com o mesmo Q.I, não são intelectualmente iguais. Cada criança é uma dignidade particular; considerá-la a partir de um só ponto de vista é não respeitar sua individualidade”.

Neste trecho da reportagem verifica-se a preocupação com o individual, a ênfase nas necessidades individuais, o aluno como centro do processo de aprendizagem. No entanto, a mesma revista no ano de 1972 (Ano 4 , p.8) trouxe um comentário que podemos associar à tendência tecnicista, pois traz para o centro da aprendizagem as questões relacionadas com os métodos:

Os métodos de ensino evoluíram consideravelmente do be-a-bá e da tabuada aos métodos dinâmicos do ensino da linguagem da matemática, das ciências, com a participação intensiva do aluno

em pesquisas, execução de projetos, laboratórios. [...] Daí a necessidade de uma reflexão sobre a era tecnológica que como toda época histórica representa uma busca de novos temas, novas tarefas e novos valores.

O raciocínio acima é notado no cotidiano do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, as tensões ficam manifestas nas entrevistas com professores que passaram pela instituição, quando as entrevistas são confrontadas com a linha pedagógica subsidiada pelas edições mensais da revista *AMAE Educando*, notamos a pertinência do diagnóstico de Saviani, constatado no humanismo tradicional (moralismo pedagógico) com o humanismo moderno (escolanovismo), para o estabelecimento da orientação pedagógica do jardim de infância, porém, as diretrizes metodológicas incorporavam os procedimentos didáticos típicos do tecnicismo. Estas questões serão tratadas no próximo capítulo; no momento em que o cotidiano da instituição será analisado à luz da concepção de infância (Capítulo 1) e da orientação pedagógica recebida das páginas da *AMAE Educando* tratadas neste capítulo.

Antes de iniciar, portanto, o próximo capítulo é necessário que após a análise da revista *AMAE Educando*, seja explicitada a metodologia que orientou o trabalho de investigação que colheu depoimentos das ex-professoras que trabalharam na instituição pesquisada, bem como da base documental que estava disponível nas dependências da Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia/MG. Nos próximos parágrafos apresentaremos as diretrizes que conduziram as entrevistas e pesquisa da documentação relativa ao cotidiano do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*.

2.6. As fontes: pesquisa documental e história oral

Para reavivar o cotidiano com as lembranças das personagens que viveram e construíram o cotidiano do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* fizemos uso dos procedimentos metodológico da pesquisa documental e da história oral temática, por entendermos que:

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casa de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas .Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não tem voz,
(*Ferreira Gullar*).

Acreditamos que a definição de um objeto de pesquisa assim como a metodologia utilizada são processos muito importantes para toda pesquisa. Com esta certeza a história oral juntamente com a pesquisa documental conseguirá dar vozes às essas pessoas que fizeram parte do cotidiano dessa instituição, pois assim como sustenta Ferreira Gullar, de que só é justo cantar se o nosso canto arrasta as pessoas e as coisas que não tem voz; parafraseando o poeta afirmamos que só é justo fazer pesquisa em história se podemos dar voz aos sujeitos que a construíram.

Então, a história oral pode contribuir com o propósito da reconstrução histórica, ao menos é o que pode ser encontrado em Paul Thompson (1992); segundo ele a primeira experiência em história oral, como atividade organizada, ocorreu em 1948 na Universidade de Colúmbia. Portanto, podemos considerar que é uma metodologia nova no campo da historiografia, tanto no âmbito internacional quanto nacional, pois no Brasil uma das primeiras experiências ocorreu em 1971, em São Paulo no Museu da Imagem e do Som, e

partir daquele ano tem se dedicado à preservação da memória cultural brasileira. Percebemos que gradativamente vão crescendo os movimentos, publicações, simpósios, para intercâmbio de experiências que contribuam na preservação da memória histórica. De acordo com Meihy, (2000, p.25):

A história oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referente à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do “tempo presente” e também reconhecida como “história viva.

O autor citado acredita que a história do tempo presente consiste na busca permanente dos sujeitos que vivem uma dada realidade presente, cabe ao pesquisador buscar nessas memórias o cotidiano vivido em uma época, os conflitos, a história de vida e até mesmo os fatos atuais que queremos contemplar e discernir.

Por isso acreditamos que a memória se faz no presente, apresentadas conforme a vida que levamos, o juízo pelo qual fazemos das coisas, nossas experiências, a influência da religião, do grupo político, da família, da escola pela qual passamos, enfim recordamos no hoje, mas as reminiscências são conformadas pelas experiências sociais, pois somos seres sociais. E a história oral é também a ferramenta necessária para não deixar morrer nosso passado. Didaticamente poderíamos entender a história oral tal como Meihy (2000, p. 29):

[...] um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com o planejamento da condução das gravações, com a transcrição, conferência do depoimento, com a autorização para uso, arquivamento e sempre que possível, com a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas”.

Apesar de termos outras fontes para reconstruirmos a memória histórica valendo-nos dos documentos oficiais, da imprensa, da etnografia, entre outras fontes, a história oral é a única capaz de trabalhar com o sentimento, as emoções, o silêncio entre uma frase e outra, que para o pesquisador reflita o conflito, a dúvida, o medo, ou o simples não saber, pois nossa fonte é a vida, é o ser humano.

Meihy, (2000) argumenta que para serem aceitas como método pertinentes, as fontes orais precisam ser ressaltadas como nervo da pesquisa e sobre elas os resultados são efetivados. Dessa forma os depoimentos são centrais nas análises, mas é preciso ter critérios de seleção das entrevistas, na transcrição de seus resultados, e nos recortes que precisam ser feitos em casos de projetos que contenham muitas entrevistas.

Gwyn Prins, (1992) alertava para as limitações da história oral, devendo ser amplamente avaliadas pois podem não ter uma proporção significativa de confiabilidade. Mas, para Thompson (1992, p. 13) a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história, transformando os objetos de estudo em sujeitos, contribuindo assim para se obter uma história mais rica no seu conteúdo: viva, comovente e verdadeira. Pensando sobre essas contribuições é que deveríamos julgar a validade desse método.

Sendo assim, não podemos deixar de discorrer a respeito da entrevista, pois ela é o “coração” da história oral enquanto metodologia, depende dela a confiabilidade e o sucesso no bom desenvolvimento da pesquisa. Assim entrevistar exige também habilidade, respeito, disposição em escutar sem emitir opiniões próprias, buscar informações prévias a respeito

do tema, a fim de melhor organizar as questões. E ao término de cada entrevista devemos ainda etiquetar as fitas, registrar os comentários sobre o contexto pelo qual foi desenvolvida a entrevista; conferir as informações, e após a transcrição, organizar todo o material.

Retomamos Thompson (1992, p. 315) para afirmar que:

As entrevistas, como todo o testemunho, contêm afirmações que podem ser avaliadas. Entrelaçam símbolos e mitos com informação, e podem fornecer-nos informações tão válidas quanto qualquer outra fonte humana.

Tendo a história oral como metodologia de pesquisa podemos estudar a história de vida, de instituições, dos grupos sociais, nos mais diversos segmentos esportivos, políticos, familiares entre outros. Na medida que gravamos, catalogamos e preservamos as entrevistas torna-se um documento oral.

Em relação à pesquisa documental que também realizamos, sabemos que no final do século XIX, o registro privilegiado pelo historiador era o documento escrito, sobretudo o registro oficial tido como o portador da objetividade e a garantia de fidelidade do mesmo, dessa forma só eram considerados fatos históricos aquilo que estava documentado e cabia ao historiador retirar dos documentos somente o que já estava contido nele próprio e em nada lhe acrescentar, assim o documento falava por si próprio. Essa linha de raciocínio que dava ênfase apenas aos documentos, era considerada positivista.

Ora, várias questões relativas à intencionalidade dos documentos, foram se fazendo presentes, lembremo-nos da Escola dos Annales que defendia que o acontecer

histórico se fazia a partir das ações dos homens, e o conhecimento histórico é produzido pelos mesmos. A partir de então o documento já não falava por si mesmo, e tanto os Annales quanto outras tendências, passaram a valorizar a história como ciência e a objetividade do conhecimento histórico seria garantido pelo método, e o historiador deveria ser aquele capaz de pensar nas relações humanas como um todo (dominação, luta, política, tradição, cultura, etc.). Assim os registros da experiência humana, não só arquivos, documentos oficiais, museus, mas tudo que foi constituído pela experiência humana e em todo lugar, o que permite entender a história como um permanente fazer-se e a investigação aberta a múltiplas possibilidades. Em relação ao trabalho com as fontes, afirma Fávero (2000 p. 105):

No trabalho com as fontes aprendemos também que, quando penetramos num arquivo, dialogamos com os documentos, conseguimos compreender o não dito ou aquilo que foi esquecido ou silenciado; há uma sensação de descoberta e de fascínio. compreendemos ainda que os arquivos não guardam apenas desejos aspirações e sonhos indivisíveis; são também produtos da sociedade que os configurou segundo as relações de força que aí detinham o poder.

E nesse objetivo de reconstruir um pouco da história da educação brasileira, através de nossas análises é que penetraremos nos arquivos, com a intenção de dialogar com os documentos, reinterpretando os fatos os acontecimentos, fazendo reviver o cotidiano do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*.

CAPÍTULO 3

RESGATANDO O COTIDIANO DO *JARDIM DE INFÂNCIA SUZANA DE PAULA DIAS*

No capítulo anterior abordamos o conteúdo da *AMAE Educando* a partir de algumas categorias relativas ao cotidiano do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*; a revista editada em Belo Horizonte oferecia a discussão das novas teorias pedagógicas peculiares àquele período, veiculando também idéias valores morais; o que influenciou significativamente o trabalho pedagógico da instituição.

Neste capítulo iremos aprofundar a discussão, tratando diretamente do tema da pesquisa, o *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, almejando reviver através das memórias e dos documentos o cotidiano da instituição destinada à criança pequena. Contudo, julgamos oportuno introduzir a reflexão do cotidiano a partir do resgate do ideário escolanovista que de alguma maneira contribuiu para a introdução da educação infantil na sociedade brasileira, certamente a Escola Nova foi pioneira na proposição da pré-escola concebida como instituição de ensino sustentada pela perspectiva lúdica intimamente ligada ao trabalho pedagógico com crianças pequenas. Logo após discorrer sobre a origem e a importância da Escola Nova, ofereceremos uma nota sucinta sobre o município de Uberlândia/MG para melhor situar historicamente a discussão da pedagogia do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*.

3.1. A Educação Infantil: o Escolanovismo

O movimento escolanovista se iniciou na Europa, passando pelos Estados Unidos até chegar ao Brasil na primeira metade do século passado; trata-se de uma iniciativa de grande relevância para a educação e a compreensão dos cuidados destinados à criança. Esse movimento ficou conhecido entre nós como Movimento da Escola Nova ou Movimento Escolanovista.

Podemos associar o Movimento Escolanovista à revolução industrial, momento em que a formação escolar tornou-se necessária, pois era preciso fazer a adequação das novas demandas aos métodos e técnicas da atividade fabril, a fim de atender ao modo de produção

vigente. Conseqüentemente, o ensino passou a ser visto como elemento vital para a ordem política e social.

A expansão dos sistemas públicos de ensino incidiu primeiro na promoção do sistema nacional de ensino, o que exigiu a elaboração de uma pedagogia social levando em conta o novo patamar histórico. Aliado a esses fatores alguns autores afirmam que tanto as práticas quanto as teorias da educação escolar estavam envolvidas diretamente pelo processo de massificação da vida social, do redimensionamento do conhecimento humano e da sua individualização, da criação de um novo estilo de vida, do crescimento da democracia e da participação política; a esse respeito Cambi, (1999, p.512) afirma:

A prática educativa voltou-se para um sujeito humano novo , impôs novos protagonistas(a criança, a mulher, o deficiente), renovou as instituições formativas (desde a família até a escola, a fábrica etc.) dando vida a um processo de socialização dessas práticas... a teoria alimentou um processo de esclarecimento em torno dos fins da educação, entregando-se a procedimentos epistêmicos variados e complexos e fixando um papel cada vez mais central para as ciências, especialmente humanas, que devem desenvolver e guiar os saberes da educação.

O século XX, por seu turno, trouxe a renovação pedagógica que finalmente alçou a criança a um lugar compatível com a sua importância para a atividade pedagógica, os progressos foram resultantes dos avanços do século anterior que havia contribuído para a eclosão de teorias que reorientaram não só as formas tradicionais de ensino, mas também deu novos enfoques para os problemas da educação em geral, o que possibilitou a nova compreensão das necessidades da infância, inspiradas, sobretudo, em estudos da biologia e

da psicologia. A expressão Escola Nova está ligada a esse novo tratamento dos problemas educacionais.

A renovação da escola, entendida como instituição pública e mantida pelo Estado, permitiu a implementação do ideário escolanovista, que surgiu como experimentos isolados que tiveram difusão predominantemente na Europa e nos Estados Unidos, nesses lugares a infância passou a ser vista como a idade pré-intelectual, devendo ter uma educação em contato com o ambiente mais natural possível, mediante atividades intelectuais e de manipulação que respeitassem o desenvolvimento global da criança no seu processo de maturação.

Há registros de que o primeiro experimento da Escola Nova ocorreu na Inglaterra em 1889, uma escola para garotos entre 11 e 18 anos e teve o objetivo de formar “homens completos” destinados a cumprirem os desígnios da vida. Mas, tratando-se de jovens ou crianças, havia que se colocar no centro do processo do aprendizado o aluno, suas necessidades e capacidades, o fazer precedendo o conhecer, aprendizado significativo e não o saber sistemático e codificado. A esse respeito Lourenço Filho, (1978, p.26) argumenta:

A escola centrada na criança que os mestres impunha uma nova compreensão das necessidades e capacidades dos alunos [...] e também maior compreensão da interdependência entre indivíduos e grupos.

No primeiro capítulo foi apresentada a pedagogia de Montessori que se situa no contexto ativista peculiar à Escola Nova; Montessori estudou biometricamente a criança e sua concepção de educação está associada ao crescimento e ao desenvolvimento, dando

ênfase as atividades motoras como o lavar-se e o vestir-se, comer, etc, utilizando para isso um material didático adequado: encaixes sólidos, blocos geométricos, materiais para exercícios do tato, da visão; Montessori acreditava na mente infantil e a via como mente absorvente capaz de desenvolver livremente suas próprias atividades e capacidades. Sobre a educação a educadora italiana comenta (1987, p.130)

Eis a verdadeira nova educação: partir primeiro à descoberta da criança e efetuar sua libertação, o ambiente que facilita a expansão do ser em via de desenvolvimento, na medida em que os obstáculos seja reduzidos ao mínimo possível: é o ambiente que capta as energias, porque oferece os meios necessários ao desenvolvimento da atividade que delas resulta[...] O nosso método de educação da criança caracteriza-se justamente pela importância central que nele atribui ao ambiente.

Decroly estudou a psiqué infantil acreditando que quando se conhece bem a criança se torna possível, de fato, pensar a educação como o processo de individualização, para tanto algumas medidas são necessárias: classificar homogeneamente o grupo; modificar os programas incluindo o conhecimento da criança e suas necessidades; o conhecimento do meio; adoção de princípios e não fórmulas prontas. Para tais expedientes não bastaria somente a reforma nos programas, mas sobretudo, a modificação da essência do trabalho escolar, voltando-o para os centros de interesse que a criança para cada assunto, pudesse percorrer três grandes fases do pensamento: observação, associação, expressão; esses centros de interesse poderiam permitir a conciliação da aquisição dos conhecimentos previstos pelos programas oficiais com as atividades espontâneas dos alunos, através do desenvolvimento da disciplina com liberdade, o que implicaria no exercício da responsabilidade. Pois para Decroly & Boon,(1978, p.71):

As idéias não devem limitar-se a acontecimentos passados, mas podem ser tomadas de acontecimentos atuais importantes, se estes forem capazes de interessar as crianças e servirem como ponto de partida para observação direta.

Montessori e Decroly são considerados teóricos ativistas porque reconheceram o papel essencialmente ativo da criança em todo processo educativo, valorizaram também o fazer, ou seja, os trabalhos manuais, as atividades dos jogos, o aprendizado baseado no interesse dos alunos na e o seu estreito vínculo com a realidade, almejando com essas atividades a socialização e a refutação do autoritarismo e do intelectualismo.

Para os teóricos da infância mencionados acima o interesse, a curiosidade, o ser criança são importantes, e graças aos estudos da biologia, da psicologia, e das novas ciências da educação é possível compreender e conhecer a criança tendo em vista o desenvolvimento, o que lhe garantirá o conhecimento do mundo ao seu redor, sejam as plantas, as pessoas, os animais, enfim, a natureza na qual está integrada.

Nessa associação de esforços, outro teórico da educação que não pode ser omitido foi Dewey (1859-1952), ele foi um dos pioneiros da psicologia da adolescência e do pragmatismo metodológico, também considerado filósofo e reformador educacional. Em 1896, inaugurou a Escola Elementar da Universidade de Chicago destinada às crianças com idade entre 4 a 14 anos; a escola funcionava como laboratório experimental pois objetivava fundar uma nova proposta educacional, onde as teoria e as idéias pudessem ser demonstradas, postas à prova, criticadas, e, evolutivamente, as verdade descobertas,

poderiam oferecer novos métodos, preferencialmente aqueles que respeitassem o desenvolvimento cognitivo das crianças e dos adolescentes.

Para Dewey o princípio básico da educação consiste no caráter instrumental da mente, ou seja, a mente e a inteligência evoluíram de maneira natural devido às atividades dos organismos humanos; ao encontrarem as diversas situações práticas e sociais da vida, a relação entre conhecimento e ação faz com que o conhecimento se desenvolva a partir das atividades centrais da espécie e o produto do conhecimento é sempre um instrumento social. Dessa forma, a educação é um processo, não um produto, ela procede refazendo constantemente a experiência. De acordo com Cambi, (1999, p. 549), a pedagogia de Dewey caracterizava:

[...] como inspirada no pragmatismo e portanto num permanente contato entre o momento teórico e prático, de modo tal que o fazer do educando se torne o momento central de sua aprendizagem; como entrelaçada intimamente com as pesquisas das ciências experimentais, às quais a educação deve recorrer para definir corretamente seus próprios problemas, e em particular à psicologia e à sociologia; como empenhada em construir uma filosofia da educação que assume um papel muito importante também no campo social e político, enquanto a ela é delegado o desenvolvimento democrático da sociedade e a formação de um cidadão dotado de uma mentalidade moderna, científica e aberta à colaboração.

Cambi destaca as principais características da pedagogia deweyana, tendo sempre a criança no centro do processo de aprendizagem, o fazer sobressaindo a aprendizagem puramente intelectual e mecânica, opondo dessa maneira ao autoritarismo e intelectualismo da escola tradicional. Em Dewey a escola deve contribuir com a sociedade incrementando progressiva e plenamente a democracia, dotando os indivíduos que participam desse

processo da condição de protagonistas da vida social inseridos nela com uma mentalidade capaz de dialogar com os outros colaborando em objetivos comuns livremente escolhidos.

Quando abordamos Decroly, Montessori e Dewey, estamos também resgatando o movimento escolanovista que num âmbito geral foi o divisor de águas, que permitiu a reflexão sobre o modelo de escola tradicional que não mais respondia aos desafios da sociedade industrial. Gostaríamos de salientar também a importância da Escola Nova para o educando, pois esta pedagogia reconhece a liberdade de ação do educando dentro do sistema escolar, o respeito ao seu desenvolvimento e personalidade, a expressão lúdica, o jogo, as atividades livres, a interação entre os grupos, a preparação para o trabalho, entre outros procedimentos destinados à ruptura com um cotidiano escolar no qual o professor ensina e o aluno aprende passivamente. Sobre esse aspecto salienta Lourenço Filho, (1978, p.249):

Quando bem se examinem os princípios gerais da escola nova, verifica-se que a dimensão própria da ação educativa é de ordem social e cultural. É essa dimensão que enlaça a instrumentação e a finalidade, reclamando uma compreensão de ordem funcional geral, como complexo empreendimento da vida coletiva, por ação conjunta, ação política, no mais largo sentido desta expressão.

A breve referência ao escolanovismo é a oportunidade para avaliar a relevância das técnicas da educação infantil; em que pese as críticas, a Escola Nova se propôs a transformar o pensamento pedagógico considerando a prática cotidiana para romper obstáculos, fazer eclodir incertezas, e assim buscar a compreensão do fenômeno educativo, que ainda hoje é motivo de inquietação para os professores e um grande problema para os

pesquisadores da educação escolar. Esse ideário se fez presente no dia a dia do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*.

3.2- O município de Uberlândia

Para contribuir com o entendimento daqueles que se interessam pela investigação de mais uma página da educação infantil, explicitaremos alguns dados relevantes do município de Uberlândia que foi o palco durante um curto período, mas para nós educadores um período muito significativo, da instituição que ora estamos pesquisando o *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*.

A cidade está situada a leste do Estado de Minas Gerais e ao norte da Região do Triângulo Mineiro, Uberlândia ocupa uma posição geográfica que a faz ser um dos maiores eixos rodoviários do Brasil, pois é o centro de convergência natural das vias de transporte que interligam as regiões Centro Sul, Centro Oeste e Norte; constituindo-se um núcleo importante de origem e destino de mercadorias e um dos principais centros regionais produtores e consumidores do país.

No período abrangido pela investigação, o final da década de 1960 e o início da década de 1970 o município estava em crescente processo de industrialização, tendo sediado o Segundo Congresso Industrial de Minas Gerais; decorreu desse evento o plano para fundação de um Distrito Industrial na cidade. Em relação ao desenvolvimento educacional, várias escolas de ensino fundamental eram criadas e a criança já passava a ser motivo de algum interesse, pois notamos um considerável aumento de creches

assistencialistas para atender os filhos dos trabalhadores de baixa renda, mesmo que esses espaços destinados as crianças ainda fossem casas improvisadas, organizadas por igrejas ou entidades filantrópicas, que posteriormente agregaram-se às associações de bairros, e que funcionavam em casas cedidas pela comunidade local. Havia também jardins de infância visando o atendimento de filhos de comerciários, empresários, advogados, médicos, entre outros; essas instituições eram destinadas à educação preparatória para o ingresso nas séries iniciais do ensino fundamental. No ensino superior, esse período marca a criação da Faculdade de Direito; da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; a Faculdade de Medicina surgiu no final dessa década de 1960, o que coincidiu com a assinatura do Decreto que criou a Universidade de Uberlândia pelo então Presidente da República Marechal Artur da Costa e Silva.

Os fatores acima mencionados e também a nova Estação de Mogiana (FEPASA), a consolidação do distrito Industrial; tudo isso deu a Uberlândia um extraordinário crescimento populacional, de 110 mil habitantes no início da década de 1970 para cerca de 600 mil habitantes atualmente. Há aqueles que a denominam de “berço do cerrado”, pelas matas, campos, mananciais de água, árvores tortuosas e uma beleza sem igual. Mas paralelamente ao desenvolvimento econômico gerado pelos setores industriais, agroindustriais e de serviços, uma parcela significativa da população vive em situação de desemprego, de falta de moradia, de escola, de assistência à saúde e, conseqüentemente, ocorre o aumento da violência e da criminalidade. A cidade, no que se refere à vida cultural, mantém atividades significativas nas áreas da música, da pintura, da literatura, da dança, mas são as festas e folguedos populares que mais se destacam, como a folia de reis e o Moçambique.

Quando retratamos a história de Uberlândia entre as décadas de 1960 e 1970 notamos que além dos processos de industrialização, existiu também uma efervescência de novas teorias, novas idéias para sustentar o ensino superior, ou seja, a consolidação da Universidade de Uberlândia. Entendemos, então, que a criação de novas escolas de ensino fundamental visava atender a sociedade que vinha crescendo significativamente nesse período.

3.3. O Jardim de Infância Suzana de Paula Dias

Duas caixas de papelão repousam do arquivo da 40ª Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, essas caixas guardam a história da escola infantil que durante seis anos recebeu crianças da região central da cidade de Uberlândia e também algumas crianças das camadas populares, filhos de trabalhadores – principalmente empregadas domésticas, pedreiros e marceneiros - , foi ali naquele arquivo da Superintendência de Ensino que estabelecemos o primeiro contato mais efetivo com o Jardim *de Infância Suzana de Paula Dias*; tivemos a oportunidade de manusear as atas de reuniões pedagógicas, os boletins, as fichas de matrícula, os livros de registros da Caixa escolar, entre outros registros valiosos; dali saímos a procurar de algumas das personagens que vieram aqueles anos e aquela experiência pedagógica: a diretora, as professoras, os ex-alunos, os pais desses ex-alunos.

Em relação aos arquivos analisados, destacamos: 03 atas de reuniões pedagógicas; 04 livros de ponto de professores e demais funcionários; 09 livros de registro de compra de

material pedagógico; 03 livros de diários de classe; 53 certidões de registro de nascimento; 01 livros de registro do caixa Escolar; 01 livro de registro de condições sócio-econômicas de alunos. No que se refere às entrevistas contamos com a colaboração de 04 ex-alunos, 02 ex- professores, 01 ex-diretora e 02 mães de ex-alunos. Para diferenciar as entrevistas indicaremos com numerais na ordem em que foram entrevistados.

O Jardim de Infância Suzana de Paula Dias foi criado com a publicação decreto 10108 de 08 de novembro de 1966 inicialmente a escola funcionou em uma casa alugada pelo Estado à Rua Coronel Antônio Alves Pereira, Nº 108 bem no Centro da cidade, a escola devia atender crianças advindas da parte central da cidade como também dos bairros vizinhos; a clientela era constituída de parcelas significativas de filhos de médicos, advogados, políticos, comerciantes, empresários e uma pequena parcela de filhos de pedreiros, marceneiros, empregadas domésticas entre outras atividades. Em relação ao espaço físico; a escola dispunha de 06 salas, 02 dessas salas tinham 18 m e 04 salas com 32 m , cada sala, comportando entre 18 e 29 crianças numa faixa etária entre 04 e 06 anos, totalizando 151 crianças matriculadas para o ano de 1967.

O quadro de funcionários,era composto de 06 professores regentes, 01 professor substituto, 01 diretora e 01 servente, conforme publicação no Jornal Minas Gerais de 15 de fevereiro de 1967; alguns profissionais forma cedidos de outros estabelecimentos de ensino do estado, e outros forma contratados pelo mesmo para atuar na nova escola. O corpo docente era composto exclusivamente de mulheres, todas habilitadas pelo Curso Normal; a diretora além do curso Normal possuía o Curso de educação pré-primário, oferecido pelo Instituto de educação de Belo Horizonte/MG.

O corpo docente era formado por professoras habilitadas pelo Curso Normal e a diretora além do curso normal possuía o Curso de educação pré-primário, oferecido pelo Instituto de educação de Belo Horizonte-MG.

Em 1970, no início do ano letivo, o *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* passou a funcionar na Avenida Floriano Peixoto nº 364, em 04 salas alugadas pela Igreja Presbiteriana Central; ampliando seu atendimento de 06 para 08 turmas e funcionando em dois períodos, sendo matutino das 7 às 11:30 horas e o vespertino das 12:30 às 17 horas, totalizando 244 crianças matriculadas, contando com um corpo docente de 08 professores e 02 serventes, com salas mais amplas entre 20 e 32 m. A mudança do local de funcionamento melhorou as condições do jardim de Infância, propiciando mais espaço para as crianças brincarem, nas palavras da Diretora do estabelecimento: *Lembro que mudamos para um espaço alugado nos fundos da Igreja presbiteriana em quatro salas que funcionava quatro de manhã e quatro à tarde. Eram salas grandes, um pátio também grande onde as crianças brincavam bastante* (Entrevista nº 1).

3.3.1-. A Organização do Jardim de Infância

3.3.1.1. A sala de aula

Para que possamos entender como transcorria o dia a dia da sala de aula, valeremos das nossas fontes orais, ou seja entrevistas com ex-professores, ex-alunos e as mães desses ex-alunos bem como os documentos escritos, neste caso as atas de reuniões pedagógicas

onde todas as informações importantes eram passadas aos professores. Entendemos que esses instrumentais representam nossas fontes para reconstrução do cotidiano; as representações dos grupos envolvidos no espaço escolar da sala de aula; e dessa maneira entendemos que:

“As representações se formam entre o vivido e o concebido por um lado, constitui o discurso articulado que procura determinar o eixo do saber a ser promovido e divulgado. Representa, assim, o ideário teórico de uma época. O vivido, por outro lado, é formado tanto pela vivência da subjetividade dos sujeitos quanto pela vivência social e coletiva dos sujeitos num contexto específico”.
(Penim,1995 p. 27)

O primeiro passo, nesse momento, é a análise de como se articulava essa vivência entre professores e alunos, como essas representações consolidavam-se em cada papel desempenhado por seus atores, pois acreditamos que no cotidiano escolar professores e alunos se constituem como sujeitos; a análise desta construção foi feita privilegiando a leitura analítica das atas de reuniões pedagógicas. Para tanto, na primeira ata de reunião pedagógica, coordenada pela diretora da instituição, foi exposto o planejamento anual, a diretora recordou as professoras de hábitos, atitudes e habilidades a serem adquiridos pelas crianças e fez a distribuição das classes que na época contavam com 6 classes contendo 28 alunos cada uma e 2 classes menores com 18 alunos cada uma. Em relação a posição dos alunos em classe, transcrevemos a orientação da diretora contida na ata de 29 de março de 1968: *quanto à posição dos alunos em classe, disse-nos (sic) que fizéssemos uma pequena modificação entrelaçando-os alternadamente: numa mesinha ficarão alunos fortes, médios e fracos.*

Analisando a observação feita pela diretora do Jardim de Infância, fica evidente a postura da época que tendia para a homogeneização do grupo para que alunos “fortes” puxassem os “fracos” e na medida necessária os grupos eram remanejados¹⁷. Percebemos que mesmo com um discurso acerca do desenvolvimento infantil e da individualidade de cada criança havia também uma significativa preocupação com as questões relativas aos bons costumes e a noção de moral difundida naquele período de ditadura militar; essas práticas cotidianas evidenciam que o âmbito local está inserido também no nacional e seus reflexos perpassam no cotidiano escolar. Aqui é oportuna a argumentação da ex-diretora (Entrevista nº 1) da instituição:

[...] as professoras devem ser responsáveis também pela ordem, limpeza e disciplinas no recreio; devem ensinar as crianças algumas músicas como: Eu te amo meu Brasil e Jesus Cristo...sobre a Campanha da Fraternidade cujo principal objetivo é inculcar na criança o amor e o respeito pelos colegas procurando aceitá-los como são: irmãos em Jesus Cristo”.

A ideologia do período militar e a doutrina da Igreja Católica se refletiam até mesmo no cotidiano escolar e no modo de pensar e agir dos educadores, onde a moral católica e o espírito de amor a pátria fazia parte do planejamento escolar. Um outro enfoque era a preparação das crianças tendo em vista a passagem para as séries iniciais do ensino fundamental; fica evidente nestes expedientes que a infância não fala por si mesma, ela repercute e reproduz aquilo que a sociedade da época buscava, isto é uma criança preparada para a 1ª série do ensino fundamental integrada à sociedade com o cultivo da

¹⁷ Esta peculiaridade da pedagogia moderna é reconhecida como ensino mútuo e implica no companherismo das crianças que se revezam no auxílio mútuo para o cumprimento das atividades escolares e da melhora do aproveitamento escolar. (norodowski, 2001, p.167 e ss).

moral e dos bons costumes ditados pelo sistema vigente. Drouet, (1997, p.69) tratou de analisar este mesmo contexto histórico e se manifestou com as seguintes palavras:

Várias tentativas da década de 60 voltaram-se para o problema da repetência e da evasão escolar. Deste modo, configurou-se um tipo de preocupação com a preparação para a escolaridade obrigatória, já no nível pré-escolar. (...) a educação pré-escolar passou, então, a ser vista como fator que interfere na futura realização acadêmica, tornando-se propedêutica para o 1º grau de ensino.

Para que esse objetivo fosse alcançado o planejamento das atividades seguia uma seqüência previamente definida, que distribuía as atividades conforme a sugestão encontrada na revista *AMAE Educando*, citada anteriormente¹⁸, que era reproduzida integralmente e que determinava o fazer pedagógico das professoras. A rotina da escola ainda está bem nítida na memória da diretora, conforme o seu depoimento (Entrevista nº 1):

*Lembro de preparar todas as reuniões pedagógicas e também o planejamento que era passado para as professoras, quase não tínhamos livros, mas o que ficou na minha memória foi a revista *AMAE Educando* que trazia muitas atividades e discutíamos sempre aos sábados em reuniões pedagógicas.*

3.4.2- A rotina

Para muitos educadores o planejamento diário das atividades desenvolvidas na pré-escola requer uma rotina para que as crianças construam a noção do tempo em que ficam na

¹⁸ *AMAE Educando*, Ano 1, nº 8, setembro de 1968; o detalhamento da rotina do jardim de infância está descrito no tópico 2.3 do segundo capítulo desta dissertação.

instituição, percebam a seqüência das atividades trazendo segurança e tranqüilidade pois sabem o que acontecerá durante todo o dia. Para os educadores a rotina propicia uma organização e planejamento do seu trabalho, além de ser um espaço para reflexão uma vez que o dia é planejado numa seqüência com vários momentos de atividades cada um com uma respectiva. No *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, a rotina diária era assim:

- Período livre de 15 minutos
- Rodinha 20 minutos (chamada, calendário, ajudantes do dia...)
- Artes 30 minutos
- Rodinha de leitura 20 minutos
- Sanitário e lanche 30 minutos
- Recreio 20 minutos
- Matemática 30 minutos
- Rodinha de estudos sociais e avaliação das atividades 15 minutos¹⁹.

Considerando as peculiaridades do corpo infantil, esta rotina não era imposta com rigidez havia flexibilidade no caso do grupo de crianças estar mais interessado em estudar outro assunto, então, era privilegiado a curiosidade do grupo; notamos que esse argumento em favor do interesse das crianças são mudanças qualitativas na forma do adulto interagir com as crianças, essa mudança foi possível graças ao conhecimento das novas perspectivas pedagógicas trazidas pela revista *AMAE Educando* as professoras se preocupavam em ter a

¹⁹ Quando a sugestão da revista *AMAE Educando* é confrontada com o registro da rotina do jardim de infância notamos apenas a mudança de nomenclatura em algumas atividades, contudo, a distribuição do tempo e aproveitamento dos horários coincidem.

crianças na condição de agente ativo na construção de sua aprendizagem, que era feita também de acordo com interesses do grupo de crianças.

O trabalho direcionado às crianças contava com uso de livros infantis para o bom desenvolvimento do trabalho pedagógico, a leitura e a escrita deveriam ser desenvolvidas gradativamente; os temas a serem estudados deveriam levar em consideração primeiramente a curiosidade das crianças, as salas eram decoradas de acordo com o livro adotado. Os alunos eram organizados e dispostos em mesinhas onde ficavam as crianças “fracas, Médias e fortes”, para que todos tivessem bom aproveitamento graças ao companheirismo das crianças. Outro fator observado pela equipe educacional era quanto a preocupação com o amadurecimento da criança; se acontecia de ter que repreendê-las por algum mau comportamento, a advertência devia ser feita com amor e carinho. Um ex-aluno da escola (entrevista nº 2) recorda com emoção de situações como essas:

O que me faz lembrar com saudade o Suzana de Paula, é o amor com a didática infantil, as atividades recreativas, das brincadeiras, como as professoras se envolviam conosco, das festas ocasionais, festas juninas(...)Mas que lembro de marcante fazendo menção a esses jardins, pré-escolas estas que tem hoje, a gente vê que para época o Suzana de Paula era um jardim que percebíamos que era bem equipado, com brinquedos, formas de entretenimento de crianças; e a escola realmente tinha esse cuidado em trazer momentos saudáveis, alegres, felizes às crianças e o cuidado com as pequenas coisas que poderiam nos traumatizar.

O depoimento do ex-aluno dessa instituição, por mais que se trate hoje de um adulto, provoca nós educadores e pesquisadores da história da educação grande emoção ao vislumbrar nos olhos de alguém que recorda com tanta ternura de um lugar onde passou momentos de sua infância; podemos até ousar dizer que foram momentos marcantes,

decisivos no processo de escolarização. Este depoimento serve de contraponto para inquirir sobre a prática pedagógica da pré-escola do presente: os educadores infantis possibilitam momentos prazerosos para nossas crianças? Será que mais tarde iremos ter o privilégio de resgatar a memória de uma instituição e confirmar que tivemos respeito nos aspectos emocionais, psicológicos e físicos da criança pequena? Hoje temos vários espaços na sociedade para entender a infância, seja através de especialistas, instituições, ou pelos meios de comunicação; mas na década de 60 onde está situado nosso objeto de discussão, o corpo docente buscava nortear seu trabalho através da orientação da diretora, que gradativamente fazia as mudanças metodológicas que achava necessário, sugeria livros, revistas tais como : Revista Pedagógica e *AMAE Educando*, fontes pelas quais o trabalho era desenvolvido. A diretora sugeria recortes, pintura para o trabalho com a coordenação motora, aplicavam testes mensais, mas complementavam o trabalho com avaliação individual avaliam-se também de uma ficha de observação.

O Jardim de Infância valorizava a presença dos pais e os convidavam a participar das atividades destinadas ao desenvolvimento integral da criança. Para a mãe de um ex-aluno (entrevista nº4) o *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* é lembrado com entusiasmo:

Não posso esquecer do uniforme que era calcinha azul e blusinha listrada, listrada de vermelho e o peitinho com recorte vermelho para poder ficar de acordo com a calcinha; mas fizeram uma reunião para sabermos se tínhamos gostado do uniforme, pois tudo eles perguntavam(...) Lembro-me que uma vez um grupo de mães foram convidadas, aquelas que quisessem à assistirem uma historinha que passava no disco e as crianças faziam a dramatização retratando a história, eu fui e gostei muito(...) Eu sempre ia, e posso concluir que as atividades desempenhadas na

escola muito contribuíram na vida de meus filhos, porque todos estão bem encaminhados e verificamos que tiveram um bom alicerce naquele tempo.

Os primeiros anos são decisivos para o futuro de uma criança, por isso é necessária a interação entre a escola e a família para o êxito da formação de uma criança; isso estava bem claro para os educadores do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, eles se esforçavam para articular de maneira lúdica e responsável essa parceria entre a escola e a família.

A preocupação com o prosseguimento dos estudos era ainda as marcas da relação de transferência que por vezes se estabelece entre os adultos e as crianças, sendo que os primeiros sempre pensam no futuro das últimas, sob risco de as vezes se esquecerem do presente; o que se percebe com base na documentação e nas entrevistas é o equilíbrio, a pretensão de tornar possível o futuro de sucesso da criança não impedia que as singularidades da infância fossem esquecidas, havia sobretudo o respeito da individualidade de cada criança e das suas diferenças; até mesmo na questão física, no caso das crianças ficarem cansadas, poderiam deitar num lugarzinho que davam o nome de berçário. O ex-aluno mencionado há pouco (Entrevista nº 2) se recordou também desse lugar aconchegante: *Dentre as atividades, haviam salas, que chamava-se berçários, quando nós estávamos cansados ou com sono, eles tinham esse carinho de nos levar lá para descansar ou dormir.*

È muito importante levar em consideração os limites da criança, sua tolerância, o ritmo do próprio corpo; e essa sala na qual quem passou por ela se lembra com saudade é bem diferente de salas de creches com o modelo assistencialistas, lugares em que a criança, querendo ou não, tinha que dormir e, acrescentamos, ainda hoje encontramos esse tipo de comportamento nas creches onde a criança passa o dia todo. Acreditamos que o *Jardim de*

Infância Suzana de Paula representava um modelo de pré-escola diferenciado, seus profissionais entendiam a infância como uma fase que requer não só conhecimentos ou conteúdos pré-estabelecidos mas uma fase lúdica, alegre, dinâmica e muito importante para o restante de uma vida futura.

Apesar dessas ações e desse discurso, havia a preocupação também com a leitura e escrita pois nota-se através das reuniões pedagógicas algumas frase como : “ as crianças deveria sair todas alfabetizadas”. Dessa forma, ao mesmo tempo que se falava em liberdade de aprender, tempo para brincar, falava-se na questão da disciplina, da moral patriótica, do espírito nacionalista. Daí fica-nos a dúvida: de que infância estamos falando? A criança permanece com adulto em miniatura capaz de absorver do adulto a moral, o sentimento nacionalista, a disciplina para saber se comportar no mundo que criamos a ela. Quais as reflexões de infância podemos ter do período analisado? Encontramos também os pré-requisitos para a educação infantil, que deixam nítido a preocupação com o ensino propedêutico o qual a instituição objetivava, a fim de atender os anseios não só dos pais mas de uma sociedade que viam o ensino o pré-escolar como preparação ao ingresso na 1ª série do ensino fundamental, o antigo 1º grau. E para nós fica a certeza de que os objetivos educacionais são também uma forma de reprodução da estrutura social vigente, a fim de alcançar os anseios de uma classe; neste caso tratava-se dos anseios dos segmentos médios e das camadas mais abastadas da sociedade local, principalmente a classe média alta uberlandense. Sobre esse aspecto; as professoras se esforçavam por adequar as expectativas que os pais alimentavam em relação ao trabalho pedagógico da escola. As professoras tinham que se comportar, e portar, com o mesmo zelo que a moral da época

queria ver transmitida para as crianças;; nas palavras da Diretora da instituição (Entrevista nº1)

Naquele tempo professor não vestia-se da forma que hoje se vestem não... E no Suzana de Paula eu fazia questão de olhar todas as minhas professoras; e elas iam sempre bem vestidas de sapato fechado, unhas feitas , enfim um visual que dava gosto de se ver.

A imagem que o professor passava naquele tempo, era muito importante pois deveria representar através de sua aparência uma adequação à condição social daquela clientela a qual atendia, de repente, se esse mesmo professor trabalhasse na periferia, a sua imagem, o seu vestuário não seriam tão rebuscados assim; de alguma maneira o corpo docente reproduzia aquilo que a sociedade queria que fosse reproduzido , ou seja, o ambiente definia o modo de ser e até mesmo as ações cotidianas. Mas, foi nesse ambiente que durante cinco anos uma parte da infância em Uberlândia conseguiu ultrapassar a pedagogia tradicional, e um grupo privilegiado de crianças participaram da experiência inovadora do Jardim de Infância que funcionou sob a responsabilidade do poder público estadual; as professoras conseguiram criar um novo ambiente educacional, com dedicação humana e profissionalismo exemplar; hoje podemos afirmar que o *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* conseguiu superar o paradigma da educação pré-escolar vigente na época.

Gostaríamos de salientar, que essas professoras foram imprescindíveis para o êxito daquela experiência de educação infantil não por cobranças advindas do Governo Estadual, nem mesmo por propostas locais, mas porque buscavam com recursos próprios a capacitação a fim de melhor atender aquelas crianças; para tanto, como já fora mencionado

na reprodução de um dos trechos da entrevista concedida pela Diretora²⁰, o corpo docente se reunia aos sábados para discutir e estudar novas teorias sobre infância, que chegavam não somente através dos livros mas das revistas periódicas que traziam um novo modelo de educação, eis abaixo o registro de uma das reuniões pedagógicas que mencionam essas atividades de capacitação:

Abrangendo o aspecto da educação e instrução na escola a diretora fez uma exposição das diferenças existentes entre a escola antiga e escola moderna. Falando da Educação Integral discorreu sobre os aspectos Intelectuais, Físicos e Sociais. Os intelectuais no que refere-se aos conhecimentos gerais da Linguagem, Matemática e Estudos Sociais e Ciências Naturais; o social, onde são incluídos hábitos, atitudes e habilidades. E o Físico, relacionado aos exercícios físicos para o desenvolvimento do corpo, músculos, auditivos, visuais e motor. Finalizando apresentou sugestões de como educar a criança, mostrando os pontos fundamentais do educador e apontando o castigo como fator negativo da educação. (Ata da VII Reunião Pedagógica, 1970)

Nesses encontros semanais eram tratados os conteúdos da biologia, da psicologia, enfim os pressupostos escolanovistas ainda presente na instituição, tornando-a uma escola diferenciada e, portanto, motivo de recordação terna e agradável para todos aqueles que participaram daquela experiência educacional com crianças pequenas. Após essas considerações a respeito do propósito do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* sentimos que por mais que uma instituição esteja inserida em uma dada realidade e seja influenciada dos agentes que compõe essa realidade, a escola pode ser capaz de construir

²⁰ Complementando a passagem relativa aos encontros de sábado no *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* a Diretora disse: *discutíamos sempre aos sábados em reuniões pedagógicas, quase todos os sábados; e não recebíamos nada por isso, mas o grupo era muito envolvido, muito dedicado, e queríamos sempre aprender* (Entrevista nº 2).

uma prática pedagógica que a eleve para além das perspectivas e atingir a condição de reprodutora de idéias e ideais.

3.4.3. As metas a serem alcançados pela criança pré-escolar:

Nos capítulos anteriores ficou evidente que uma das metas da pré-escola, desde o humanismo, foi a preocupação com a instrução da criança; embora não muito diferente das outras etapas da escolarização, a educação infantil demanda o cuidado constante com a afetividade da criança que deve merecer a mesma atenção que sua capacidade cognitiva. No *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* não foi diferente, a atenção às necessidades da criança não desviavam os esforços destinados à promoção das habilidades elementares que seriam vitais para o prosseguimento dos estudos. A reconstrução dos objetivos do trabalho pedagógico pode ser extraída dos diários de classe e das atas de reuniões pedagógicas, conforme abaixo.

Língua Portuguesa:

- 1- Saber ler e escrever o nome.
- 2- Saber ler e escrever o nome de sua cidade.
- 3- Conhecer e escrever o nome de sua professora.
- 4- Saber ler e copiar qualquer trecho com um mínimo de cinco sentenças dentro de seu vocabulário.
- 5- Interpretar escrito e oralmente estórias dentro do vocabulário .
- 6- Saber ler silenciosamente e esperar sua vez.

- 7- Reconhecer sílabas e formar palavras novas (mais ou menos com palavras).
- 8- Separar palavras usadas no pré-livro e cartazes suplementares.
- 9- Separar palavras substantivas e adjetivas em sílabas.
- 10- Reconhecer palavras usadas no pré-livro e cartazes suplementares.
- 11- Saber formar sentenças escritas.
- 12- Fazer composições oralmente, obedecendo princípio meio e fim com o mínimo de três sentenças.
- 13- Saber ordenar fatos em seqüência e ser capaz de desenvolver uma estória dentro de quadros apresentados.
- 14- Fazer ditados de palavras e sentenças simples dentro de seu vocabulário.
- 15- Saber completar por escrito, sílabas no final de palavras oralmente, saber encontrar palavras que tem o mesmo som inicial e final.
- 16- Saber dar o plural e singular, masculino e feminino, sinônimos e antônimos de palavras de seu contato.

Em relação a Matemática:

- 1- Saber contar racionalmente até vinte, escrever e reconhecer estes numerais.
- 2- Reconhecer conjuntos vazios, conjuntos unitários e com mais de um elemento.
- 3- Fazer complementação de conjuntos, reconhecer conjuntos equivalentes e conjuntos diferentes.
- 4- Ordenar os conjuntos, em ordem crescente e decrescente, bem como os numerais.
- 5- Ter noção de subconjunto, percebendo em conjuntos maiores, conjuntos menores ou subconjuntos.
- 6- Resolver problemas de cálculos cujos resultados não ultrapassem dez.

7-Resolver problemas escritos, raciocinando-os e fazendo sentenças matemáticas representadas por desenhos.

8-Reconhecer fatos de somar e subtrair até dez.

9- Saber achar números vizinhos até vinte- números pares e ímpares até dez, contar de dois em dois até vinte.

10- Reconhecer: dúzia e meia dúzia, dezena e meia dezena, quilo e meio quilo, metro e meio metro, litro e meio litro, e saber como e quando usá-los.

11- Reconhecer horas e meia hora, saber os dias da semana, ter noção dos meses do ano, saber distinguir hoje, ontem e amanhã.

12- Ter noção de inteiro e metade.

13- Ter noção do sistema monetário, reconhecer centavo e cruzeiro.

Fonte: Ata Pedagógica da 12, de 09 de novembro de 1968.

A respeito das habilidades que deveriam ser introduzidas na vida das crianças, nossas análises seguiram na direção do diagnóstico de Arroyo (1994, p.20 e 21):

A criança enquanto sujeito de domínio de atividades letradas e a pré-escola, o que significa esta palavra? Significa que entre os cinco/seis anos de idade a criança já tem que estar pré-escolada, já tem que dominar se possível habilidades de leitura, de escrita porque assim evitamos a reprovação na primeira série(...)Cada idade tem, em si mesma, a identidade própria, que exige uma educação própria, uma realização própria enquanto idade e não enquanto preparo para outra idade.

As palavras acima corroboram o entendimento a que chegamos com a investigação do conceito de Infância na modernidade, que se trata de um ser destinado à educação

escolar e muitas vezes esta meta impede a identificação daquilo que é próprio à criança. A instituição ora pesquisada, não conseguiu romper com os paradigmas da educação impostos pelo poder estatal vigente; a experiência uberlandense não foi diferente; havia o respeito pela individualidade da criança como criança, mas fazia-se necessário preparar o infante para o futuro, e a favor de um dia ser adulto acabamos por limitar a criança no presente. Eis o comentário de uma ex-professora do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* (Entrevista nº 5):

Tínhamos muita liberdade para trabalhar, para discutirmos a melhor metodologia nos nossos encontros de estudos aos sábados; mas sempre recordo quando a diretora chegava e nos lembrava que era preciso cumprir também os conteúdos que vinham do Governo Estadual. E assim sempre buscávamos o novo, o que para nós era melhor para às crianças; mas nunca esquecendo do que era estabelecido.

Sabemos da importância e da influência do movimento da Escola Nova, que lançou luzes novas sobre o desenvolvimento da criança graças aos novos subsídios advindos da Biologia e da Psicologia e conseguiu ampliar o enfoque da educação infantil fazendo com que o ato pedagógico estivesse centrado na criança e não no aluno abstrato, mas a criança vista como agente ativo e construtor de sua aprendizagem. A busca do novo que a ex-professora manifesta é essa perspectiva que era introduzida efetivamente na educação infantil brasileira. Contudo, paralelo a esse discurso e a esse movimento, estava o tecnicismo que era um outro modo de pensar a educação, refletindo essa maneira técnica de organizar e selecionar os conteúdos e as habilidades delimitando-as em etapas cronológicas específicas para cada uma.

3.4.4. Planejamento das atividades:

Com a leitura das atas foi possível uma reconstrução na íntegra do planejamento das atividades a serem desenvolvidas no cotidiano escolar , que reproduzimos abaixo:

- 1- Atividades livres: deixar as crianças brincarem explorando cantinhos dos livros, das bonecas, dramatizando cenas vividas em casa desenvolvendo a capacidade criadora, ampliando o vocabulário, manusear livrinhos.
- 2- Atividades artísticas: além das atividades de arte já conhecidas das crianças, trabalhar em recortes e colagem , pinturas com peneiras, pintura a dedo, fazendo uso de várias técnicas com guache.
- 3- Linguagem: desenvolver a vontade de cantar, falar poesias, dramatizar, contar histórias com fantoches escolhendo o seu personagem preferido. Fazer composição oral, jogos de palavrinhas com começo e terminação igual. Desenvolver bastante a linguagem oral iniciando o livro *A caminho da leitura* . apresentar fichas com o nome de cada criança dando início a escrita, Fazer uso da coordenação motora.
- 4- Aritimética: contagem de rotina, contagem racional. Iniciar o livro *Meu diário de aritimética*.

Fonte: Ata de Reunião Pedagógica de 01 de março de

1969.

Na descrição dos procedimentos para a execução dos objetivos vinculados à Língua Portuguesa e à Matemática notamos a preocupação com conteúdos. Porém a metodologia deixa vislumbrar a penetração dos ideais modernos e, diríamos, os princípios trazidos pelo movimento da Escola Nova no Brasil. Os procedimentos acima não estão distantes de alguns teóricos, como Froebel, Dewey, Montessori; que se dedicaram a promoção da Infância caracterizada pelo aprender fazendo, própria da pedagogia ativista que vê o aluno interagindo com o conhecimento e o educador que deixa de ser a figura principal na sala de aula; ambos concorrendo para fazer do cotidiano um momento dinâmico onde professores e alunos pudessem ser agentes do processo de ensino-aprendizagem. E assim uma ex-professora (Entrevista nº 5) recorda o dia-a-dia do jardim de infância:

“Nosso dia-a-dia era assim: uma rodinha, todos sentados, ali nós fazíamos o planejamento do dia, víamos como estava o tempo, tinha determinados ajudantes do dia, quem iria fazer isso ou aquilo, alguém deslocava-se para fora para certificar-se do tempo, via o aniversariante do dia, eu explicava como seria as atividades do dia e antes de tudo isso fazíamos uma oração; todos se dirigiam as mesinhas para as atividades . No primeiro horário dávamos as atividades mais pesadas que exigiam mais das crianças, uma leitura, depois do lanche o recreio e no segundo momento fazíamos atividades mais leves, como: pintura, algo mais descontraído”.(entrevistado 5)

A cada entrevista, percebemos a dedicação dessas professoras, o respeito com a criança; pode-nos parecer irrelevante quando a professora divide o tempo em atividades “mais leves ou mais pesadas”, mas ao olharmos as pré-escolas de hoje, onde durante horas as crianças permanecessem sentadas, sendo preparadas muitas vezes para “vestibulinhos” a fim de entrarem numa primeira série “adiantada”, esse estado de coisas confere a relevância do tratamento que a ex-professora dispensava às suas crianças. Certamente a nossa

afirmação relativa aos anseios de “sucesso” na pré-escola é uma crítica ao segmento da rede particular de ensino que está empenhada na venda do “futuro garantido”, cujas instalações poderiam proporcionar uma educação efetiva voltada para a criança que ali está. Infelizmente a situação da rede pública, do ponto de vista material, carece de acomodações e recursos, contudo, não incorre nos equívocos de muitas escolas particulares.

Reiteramos que a introdução dos jardins de infância foi uma inovação recente no Brasil, em meio a uma efervescência de ideais novos, por isso comenta Melo (1989, p.13):

O contexto histórico no qual surge uma determinada escola e que responde pelo local onde ela se implanta, pelos processos que desencadeiam sua construção e efetuam continuamente seu funcionamento...a história de uma escola enquanto relações que são estabelecidas entre classes e grupos sociais num espaço e tempo determinados, para atender demandas e interesses muito concretos, porque decorrentes das necessidades de viver, sobreviver, reproduzir, dominar, ser dominado, resistir, saber, conhecer, trabalhar, ganhar a vida, realizar um projeto profissional, e assim por diante.

Com base no que foi discutido até aqui, fica evidente que o *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* surge a fim de atender aos anseios dos moradores advindos do Centro da cidade e os bairros vizinhos atendendo assim a uma parcela significativa de filhos dos setores médios e altos da cidade. E quanto ao atendimento prestado às crianças de alguns bairros periféricos, provavelmente filhos de empregadas domésticas ou prestadores de serviços a esses segmentos, existia na instituição um caixa escolar, que fora criado em 18 de setembro de 1969 com um presidente, um secretário, um tesoureiro, dois membros e cinco suplentes onde que tinha a finalidade de auxiliar as crianças e naquilo que necessitassem. Nas palavras do então presidente do Caixa Escolar no ato da posse:

“Prometo uma gestão organizada, com algumas atividades beneficentes, amparando em parte a necessidade da criança pobre”.

Essas palavras denotam a visão assistencialista de amparo à infância desvalida ; o rótulo empregado “pobre” é um contra-senso, pois a criança dispõe do maior tesouro que é a integridade da vida. O discurso do presidente da Caixa Escolar, quase quarenta anos depois, ainda permanece atual, muitas vezes, o poder público acredita fazer caridade ao disponibilizar escolas de educação infantil, dando a essas instituições, de tanta relevância, um perfil assistencialista. No *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, instituição do poder público estadual, que foi criada para privilegiar as novas modalidades de educação infantil, ali também era preciso amparar a criança vítima da pobreza; para nós que sabemos dos ideais de educação que eram praticados pelos profissionais daquela escola, entendemos que era uma maneira de propiciar, mesmo que em pequena parcela, a escolarização para as crianças das camadas populares. O que deve ser questionado é como essa assistência era percebida pela criança dentro da instituição? Qual sentimento que vivenciavam? Vejamos o comentário de um ex-aluno (Entrevista nº7) que era “beneficiado” pelo caixa escolar:

O Jardim Suzana de Paula era muito bom, lembro de ver coisas interessantes, brinquedos que minha mãe não tinha condições de comprar, e claro das brincadeiras, porque nós brincávamos muito lá. Mas tem uma coisa que nunca me esqueço, que era o carinho da minha querida professora, e se hoje segui a mesma profissão foi devido a influência que tive no ano que cursei lá.

Lembrar com saudade da infância é muito bom, percebemos a memória afetiva que o ex-aluno guardou daquela convivência e da reverência com se recorda da ex-professora.

A escola, em sua dinâmica dialética, permitia ao entendimento infantil constatar que usufruíam no espaço escolar dos brinquedos, dos materiais que ali estavam, que não podiam ter em casa; sentindo-se às vezes, mesmo que inconsciente, vítima de um sistema excludente; pois estava inserida em um ambiente e excluída dos recursos que seus companheiros dispunham não somente na escola. Essa situação também esteve presente na reflexão feita por Kramer (1998, p.22):

[...]as relações estabelecidas entre os profissionais da escola, desses com as crianças, com as famílias e com a comunidade, precisam ser norteadas por uma visão real da heterogeneidade rica em contradições que caracteriza a sociedade e as escolas em geral, e cada creche ou pré-escola em particular. Essa diversidade nos coloca o desafio de buscar as alternativas (em termos de atitudes e estratégias) necessárias para atender as crianças e cada criança, compreendendo-as a partir das suas experiências e condições concretas de vida.

As páginas finais deste capítulo assumiram a conotação de ensaio isso porque a audição das fitas k7 com as entrevistas permitiram o desencadeamento de múltiplas releituras do cotidiano escolar daquele jardim de infância. Esperamos que este capítulo tenha atingido o seu propósito de reconstruir a História do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, um lugar que não chegou a ter um prédio próprio e mesmo assim foi capaz romper com várias limitações para realizar o objetivo essencial de promover a criança com o oferecimento de uma educação infantil de qualidade; uma modalidade de educação cujos princípios receberam o seguinte comentário de Campos (1995, p. 11):

Nossas crianças têm direito à brincadeira, à atenção individual, a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante, ao contato com a natureza, à higiene e a saúde, a uma alimentação sadia, a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão, ao movimento em espaços amplos, à proteção, afeto e à

amizade, a expressar seus sentimentos, a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche, a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa.

Apesar dessa página redigida por Campos ter sido escrito há quase trinta anos após o ciclo de vida do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias*, é certo que suas professoras foram capazes de ousar em direção àquilo que acreditavam, isto é a criança como ser integral.

Considerações Finais:

No início da pesquisa, ouvimos durante algumas as aulas do Programa de Mestrado em Educação, professores comentando: *È fácil adentrar na investigação uma instituição, pois temos várias opções, seja a documentação, as entrevistas com os atores envolvidos, a legislação, as fontes iconográficas entre outros; o difícil é como saímos dela.* Apesar do *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* não estar em atividade, conseguimos alcançar a sensação, durante todo o tempo desta pesquisa, de que suas portas ainda estavam abertas. Pois ao analisar os documentos encontrados, reconstruímos o dia a dia da instituição,

restituímos as vozes daquelas professoras dando a elas a oportunidade de falar sobre a sua prática nas entrevistas que fizemos, o resgate do cotidiano adentrou ainda nos registros escritos da época, por exemplo, nos Livros de atas das reuniões pedagógicas, pudemos perceber as dúvidas, os anseios, em suma o grande desafio em que se lançaram aquelas educadoras.

Utilizando os recursos da história oral, tivemos o privilégio de reviver nos relatos das personagens o dia a dia da instituição, resgatando sentimentos que no tempo presente parece não mais ser suscitado quando se evoca os tempos da primeira escola, mas nas palavras de cada entrevistado sobressaía a emoção do resgate histórico daquela iniciativa estatal de educação infantil, que pode ser revisitada como o modelo de pré-escola que um dia foi posto em prática.

A investigação de instituições escolares , independente da faixa etária, demanda caminhos lógicos para vencer o percurso que se põe entre a instituição e o pesquisador. A metodologia desta pesquisa levou em conta a nossa história de vida também; pois apenas esgotamos a pesquisa no momento em que respondemos aos questionamentos, às nossas hipóteses iniciais prosseguimos virando a página para alcançarmos outros objetos, outras fontes, quando termos de responder a outras indagações, visando abrir mais leque da História da Educação no Brasil.

Mesmo tendo investigado uma instituição destinada a criança pequena, o nosso olhar, a nossa percepção é a do adulto que assim vê a criança antecipando-se a ela naquilo que lhe é o melhor. Desde o início da modernidade, tratado no primeiro capítulo, as concepções de infância, apontavam para a formação do sentimento de infância; este

sentimento não se constituiu no puro olhar da criança, mas foi a maneira que o adulto via a criança e antecipava-se a ela decidindo o que era mais pertinente para a sua formação virtuosa. O progresso da sociedade moderna trouxe novas teorias e com elas as novas ciências da educação contribuíram para que aquele primeiro sentimento permitisse a manifestação da criança, os pedagogos modernos conseguiram traduzir o interesse da infância com a valorização do pensamento e da imaginação da criança a fantasia.

Áries afirmou que no antigo regime a criança era considerada um adulto em miniatura, os séculos XVII e XVIII foram responsáveis pela individualização da criança dando-lhe o seu espaço singular. A sociedade pós-industrial impõe tantas responsabilidades e atividades para a criança: atividades extracurriculares em demasia consumindo todo o tempo livre; a erotização do corpo infantil; o consumismo precoce, tudo isso nos leva a indagar se o século passado não promoveu uma regressão no sentimento de infância ? Que argumentos usaríamos hoje em defesa da criança? Valendo-se do conhecimento de tantas teorias que nos fizeram perceber a importância dessa fase para toda a vida, da importância do tempo para brincar para que as crianças desenvolvam o físico, o cognitivo e a afetividade, mesmo assim, muitas vezes a pré-escola é tida como instituição de preparação para 1ª série, treinando as crianças para a aquisição quase que mecânica da leitura e da escrita, sem atingir nessa operação o aprendizado significativo. Entendemos e lutamos por uma educação pré-escolar que de acordo com OLIVEIRA, (2002, P.50) tenha:

A definição de uma proposta pedagógica deve considerar a importância dos aspectos socioemocionais na aprendizagem e a criação de um ambiente interacional rico de situações que

provoquem a atividade infantil, a descoberta, o envolvimento em brincadeiras e explorações com os companheiros. Deve priorizar o desenvolvimento da imaginação, do raciocínio e da linguagem, como instrumentos elaborados em seu meio social, buscando explicações sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma.

O raciocínio acima se faz necessário a busca por uma educação da primeira infância, que responda aos seus interesses, que seus objetivos estejam ancorados simplesmente nas necessidades vitais da criança nesse momento, sem a preocupação excessiva com o ensino fundamental, pois temos que propiciar uma educação que vise desenvolver gradativamente a criança respeitando as suas especificidades para cada fase.

Consideramos que o Jardim de infância Suzana de Paula Dias, foi uma escola diferenciada para o seu tempo, os seus profissionais levaram para o cotidiano inovações pedagógicas, valendo-se das descobertas entradas nas páginas das revistas pedagógicas, especialmente a *AMAE Educando* que analisada no segundo capítulo, que sempre acompanhados dos estudos semanais que o corpo docente realizava para a sua capacitação. Não nos esqueçamos que uma instituição está inserida no local, no espaço escolar é mediado pelo discurso político, econômico, religioso e ideológico que são confrontados com a práxis escolar que dialeticamente está empenhada na instauração de um nova ordem social.

Em consonância com essas questões, sabemos que continua sendo um grande desafio para os profissionais, os especialistas enfim para os pesquisadores da educação a busca por uma educação pública, laica, gratuita e de qualidade. Esse estudo permitiu a reflexão histórica sobre os paradigmas educacionais e seus desdobramentos no cotidiano

escolar; o que se quis ressaltar nesse trabalho é a importância que a educação da criança tem para a construção de uma sociedade democrática, pois notamos que no *Jardim de Infância Suzana de Paula Dias* apesar das desigualdades sociais ditadas pelo poder aquisitivo, existiu a convivência acalentada por Rousseau que via o homem, na sua origem, igual ao seu semelhante. Então, cabe esperar da ciência da educação essa tarefa de rememoração da infância.

Lista dos Periódicos Pesquisados:

Revista *AMAE Educando* Ano 1: 1967, números 1 e 2.

Revista *AMAE Educando* Ano 1: 1968, números: 3 e 4

Revista *AMAE Educando* Ano 2: 1969, número: 11

Revista *AMAE Educando* Ano 2: 1969, número: 18

Revista *AMAE Educando* Ano 3: 1970 número: 28

Revista *AMAE Educando* Ano 4: 1971 número 31

Revista *AMAE Educando* Ano 4: 1971 número 35

Revista *AMAE Educando* Ano 4: 1972, número: 48

Revista *AMAE Educando* Ano 6: 1973, números: 54 e 55

Revista *AMAE Educando* Ano 6: 1973, número: 58

Revista *AMAE Educando* Ano 6, 1973, número 59 e 60

Revista *AMAE Educando* Ano7, 1974, número 61

Referências Bibliográficas:

ABRAMOWIZ, Anete & Wajshop, Gisela. *Creches: Atividades para Crianças de zero a seis anos*. São Paulo: Moderna, 1995.

ALMEIDA, Paulo de. *Conceito de Infância em Rousseau* (Baseado no livro: Emílio ou da Educação). Monografia, Uberlândia, 1999.

ARANTES, Jerônimo. *Cidade dos Sonhos Meus: Memória Histórica de Uberlândia*. Uberlândia: Edufu, 2003.

ARIÉS, Philippe. *História social da Criança e da Família*. Tradução de Dora Flaksman. 2ed: rio de Janeiro, Zahar, 1981.

ARAUJO, José Carlos & GATTI, Décio Júnior. (organizadores) *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas, SP: Autores Associados: Uberlândia: Edufu, 2002. –(Coleção memória da educação).

BASSETTO, B.F.; MURACHCO, H.G. Prefácio à edição brasileira da Gramática de Port-Royal. In: ARNAULD; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. São Paulo: Martins fintes, 1992.p.IX-XXXII.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Unesp, 1999.

CAMPOS, Maria Malta e ROSEMBERG, Fúlvia. *Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças*. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1995 40 p.

CUNHA, Myrtes Dias da. *Cotidiano e Processo de Formação de Professores*.In: CICILLINI & NOGUEIRA (org.). Educação Escolar: políticas, saberes e práticas pedagógicas. Uberlândia, EDUFU, 2002. p.67-83.

DROUET, Ruth Caribe da Rocha. *Fundamentos da Educação Pré-escolar*. 3ª ed. São Paulo, Ática, 1997.

EBY, Frederick, 1874-1968. *História da educação Moderna: teoria, organização e práticas educacionais*. Tradução de Maria Ângela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maria, Malvina Cohen Zaide. 2 ed. Porto Alegre, globo, Brasília, 1976.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. *De Emilio a Emília- a trajetória da alfabetização*. São Paulo: Spione, 2000.

ERASMO, de Rotterdam. *A civilidade pueril*. Tradução Fernando Guerreiro. Lisboa editorial estampa, 1978.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de .(org.). *Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias*. Campinas: SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000. (Coleção memória da educação).

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. “*Pesquisa, Memória e Documentação*”. Arquivos Fontes e Novas Tecnologias. Bragança Paulista, SP. Universidade São Francisco, 2000, p.101 –149.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERRACINE, Luiz. *A filosofia da educação em a civilidade pueril*. Intermeio, [s, 1], n.2, s.d.

FIGUEIRA, Fani goldfarb. *Erasmus: de Pueris*. Intermeio, [s.1], n.3 s.d.

FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Infância, Escola e Modernidade*. São Paulo Cortez, 1999.

FROEBEL, Friedrich. *A educação do homem*. Tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo, UPF, 2001.

GARCIA, Regina Leite (org.). *Revisitando Pré-Escola*. 2ª edição, São Paulo: Cortez, 1993.

GUIRALDELLI Jr., Paulo (org.). *Infância escola e Modernidade*. São Paulo: Cortez; Curitiba: Ed. Da Universidade do Paraná, 1997.

KRAMER, Sônia. *Com a pré-escola nas mãos*. 11ª edição. São Paulo, Ática, 1998

_____. *A Política do Pré-Escolar no Brasil. A arte do disfarce*. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. *Por entre as Pedras: arma e sonho na escola*. 2ª edição. São Paulo, Ática, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *A Pré-Escola em São Paulo (1877 a 1940)*. São Paulo, Edições Loyola, 1988.

LOURENÇO FILHO. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. 13ª. edição São Paulo, Melhoramentos, 1978.

MAGALHÃES, Justino (1996). *Contributo para a história das instituições educativas-entre a memória e o arquivo*. Braga-Portugal, Universidade do Minho (mimeo).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História oral*. São Paulo, Loyola 2000.

MESGRAVIS, Laima. *A assistência a Infância Desamparada e a santa Casa de São Paulo: A roda dos Expostos no Século XIX*. Revista de História, Nº 103, P: 401-423, 1975.

MELLO, G.N. Prefácio do livro *Cotidiano e escola, a obra em construção*, In Penin, S.2 ed. São Paulo: Cortez, 1995. p.XI-XV.

MELO, José Marques de. *A opinião do jornalismo brasileiro*. 2ª ed. ver. Petrópolis: Vozes, 1994. (comunicação de massa).

MONARCHA, Carlos (organizador). *Educação da Infância brasileira: 1875, 1983*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Educação Contemporânea).

MARAN, J. *Montessori, uma educação para a vida*. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

MONTESORI, Maria. *A Criança*. Tradução: Luiz Horácio da Matta. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.

NASCIMENTO, Dorivaldo Alves do. *História de Uberlândia*. 2ª edição..Uberlândia, Grafy, 2000.

NORODOWSKI, Mariano. *Infância e Poder: Conformação da Pedagogia Moderna*. Tradução de Mustafá Yasbek. Bragança Paulista: editora Universidade de São Francisco, 2001.

OLIVEIRA, ZILMA Ramos de. *Educação infantil: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação)

PENIN, Sônia. *Cotidiano e escola: a obra em construção*. São Paulo, Cortez, 1995.

PONCE, A. *Educação e luta de classes*. 11ª edição. Tradução de José Severo de Camargo Pereira. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1991.

Prefeitura Municipal de Uberlândia. *Diretrizes Curriculares de Educação Infantil*. Uberlândia-MG 2003.

RIZZO, Gilda. *Educação Pré-Escolar*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

ROSEMBERG, Fúlvia. *A Educação Pré-Escolar Brasileira Durante os Governos Militares*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, nº 82, p.21-30, agosto 1992.

ROUSSEAU, Jean-Jacques, 1712-1778. *Emílio ou Da Educação*. Tradução : Roberto Leal Ferreira; introdução de Michel Launey; [revisão da tradução Mônica Stahell]. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SAITO, Heloisa Toshie. *História, Filosofia e Educação: Friedrich Froebel*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá-PR, 2004.

SALOMÃO, Júlio César. *A Infância e a educação Infantil nos Documentos e Legislações Nacionais e Internacionais*. Dissertação de Mestrado. Universidade federal de Uberlândia-MG, 1999.

SOARES, Beatriz Ribeiro. *Habitação e Produção do Espaço em Uberlândia*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. SP. 1988.

SAVIANI, Dermeval. *Educação brasileira, estrutura e sistema*. 6 edição São Paulo: Cortez, autores Associados, 1987 a.

_____. *Tendências e correntes da educação brasileira*. In MENDES, D. T. (org) 3 edição. *Filosofia da Educação Brasileira*. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1987b. p.47.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, M. do pilar; PEIXOTO, Maria do Rosário e KOURY, Yara M. *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1989.

Anexos

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Fotografia de uma turma do jardim de Infância (1969).....	122
Anexo 2: Fotografia individual de formatura (1969).....	123
Anexo 3: Certificado de conclusão dos estudos de pré-escola.....	124
Anexo 4: Entrevista nº 1.....	125
Anexo 5: Entrevista nº 2.....	126
Anexo 6: Entrevista nº 3.....	127
Anexo 7: Entrevista nº 4.....	128
Anexo 8: Entrevista nº 5.....	129
Anexo 9: Entrevista nº 6.....	130
Anexo 10: Entrevista nº 7.....	







**JARDIM DA INFÂNCIA
SUZANA DE PAULA DIAS**



Lembrança do dia 30 de novembro de 1971 que o
aluno Andréia Cristina Storti terminou o terceiro
período no Jardim da Infância Suzana de Paula Dias em Uberlândia.

O Aluno _____
Maria da Consolação Campaio
Minha Professora

Deividete Aparecida Tassinis
Diretora

Entrevistas:

Entrevista (1) Ex-diretora

“ Faz muito tempo, que direcionei aquele jardim de infância...Muitas coisa me falham a memória, mas lembro que era um tempo muito bom, foi muito bom; bom porque tínhamos uma ótima equipe de professores, e isso fez toda a diferença.

Na época eu era professora na Escola estadual Bueno Brandão, então fui convidada pela Secretária de ensino dona Carmelita à direcionar um jardim de infância estadual, que funcionaria em uma casa alugada à Rua coronel Antônio Alves Pereira . Em seguida juntas, a delegada de ensino e eu, montamos o quadro de professoras que foram contratadas e designadas pelo estado. No início começamos com 06 turmas de pré-escolar, sendo 03 no período da manhã e 03 no período da tarde. Ficamos lá por um tempo e com o aumento da procura tivemos que mudar dali. Lembro que mudamos por um espaço também alugado nos fundos da Igreja Presbiteriana em quatro salas que funcionaram 04 de manhã e 04 à tarde. Eram salas grandes, um pátio também grande onde as crianças brincavam bastante, e o Estado que pagava os professores as serventes e o aluguel das salas.

Naquele tempo professor não vestia-se da forma que se vestem hoje não... e no Suzana de Paula eu fazia questão de olhar todas as minhas professoras; e elas iam sempre bem vestidas de sapato fechado, unhas feitas, enfim um visual que dava gosto de se ver.

Lembro de preparar todas as reuniões pedagógicas e também o planejamento que era passado para as professoras, quase não tínhamos livro, mas o que ficou na minha memória foi a revista AmaeEducando que trazia muitas atividades e discutíamos sempre aos sábados em reuniões pedagógicas, quase todos os sábados; e não recebíamos nada por isso, mas o grupo era muito envolvido muito dedicado, e queríamos sempre aprender mais.

Eu fiz um curso para trabalhar com as crianças de jardim de infância lá em Belo Horizonte, no Instituto de Educação de lá, tudo por minha conta e as professoras que tinham esse curso era tudo por conta própria também. Na época não recordo precisamente a data, por meu esposo ser médico eu aproveitava para acompanhá-lo, pois ele também fazia um curso lá, e ia para o Instituto de Educação.

Eu era muito rigorosa com os uniformes das crianças e aqueles que não tinham condições de comprar eram ajudados pelo caixa escolar. Esse caixa escolar nos ajudava também na melhoria da merenda, a comprar discos, livros de história e brinquedos, apesar de que os pais eram muito envolvidos e nos ajudavam bastante.

Foi uma época muito boa, mas lembro que logo fechou devido uma ordem do governo Estadual de fechar os jardins de infância, na minha opinião foi um erro muito

grande, já fazíamos planos de construirmos no ano seguinte e de repente tivemos que fechar e cada uma de nós foi pro canto diferente. Mas a saudade ficou não só dos alunos que tenho notícias que muitos estão bem encaminhados mas os professores que seguirem carreira. E é isso...(risos)”.

Entrevista (2) Ex-aluno

“ Jardim de Infância Suzana de Paula dias, realmente faz muito tempo que eu cursei lá, e algumas lembranças vagas me vem, como: a professora D. Maria da consolação, mas o que faz me lembrar de todos os demais professores é o amor com que faziam as atividades ali, o amor com a didática infantil, as atividades recreativas, das brincadeiras, como elas se envolviam conosco, das festas ocasionais, festas juninas.

Na escola Suzana de Paula dias, nós tínhamos a alegria de ir porque faziam tudo com tanto carinho, então tudo bem característico da infância. as festas eu confesso que quando olhava a lista de nomes, não lembro da fisionomia mas que eram amigos meus, e até um tempo atrás eu sabia onde e quem tinha fotos, mas o contato foi muito rápido e não foi possível, eu queria ver as fotos que com certeza iriam me emocionar muito. Mas que lembro de marcante fazendo menção a esses jardins de infância, pré-escolas estas que tem hoje a gente vê que para época o Suzana de Paula era um jardim que percebíamos que era bem equipado, com brinquedos, formas de entretenimento de crianças. e lembro também da localização na Avenida Floriano Peixoto perto da onde hoje é as Lojas americanas, exatamente onde tem o prédio da Igreja Presbiteriana, e eu não morava tão distante da escola não, morava próximo. era uma alegria para mim quando chegava o momento, a hora de ir para aula eu gostava muito, minha mãe me levava lá, e era um momento muito feliz.

Em relação aos professores tenho a lembrança da minha mesmo a D. consolação e das outras não me lembro. Das salas não me lembro, lembro de um salão onde era feito as festinhas, o recreio, um salão coberto. Dentre as atividades, haviam salas, que chamava-se berçários quando a criança demonstrava cansada ou com sono, eles tinham esse carinho de levar a criança para descansar ou dormir, o contrário do que é hoje, pois algumas mães levam as crianças para escolas e sentem aliviadas de certa forma porque lá não é ...

E havia uma alegria da minha mãe com as atividades, com o Jardim de Infância, não porque a gente ia e Lea ficava tranqüila não, mas pelo ensino, pelos educadores, por tudo que a escola proporcionava, era diferente.

Haviam salas maiores, cartilhas, livros de desenhos, fazíamos folhas com desenhos para colorir e usávamos materiais da escola também. E levávamos brinquedos para a aula. a gente sabe o quanto é importante o primeiro contato da criança com a sala de aula, com o futuro na formação da pessoa do caráter da personalidade, o quanto é importante. e o Suzana de Paula tinha esses cuidados em trazer momentos saudáveis, alegres, felizes às crianças e o cuidado com as pequenas coisas que poderiam trazer um trauma.

E na minha formação claro, reconheço a importância de ter passado por lá. Pra época era uma escola especial. Hoje os poucos colegas que lembro, sei que dão médicos formados, muita gente boa, bem situados na sociedade. e eu direciono assim que aquela

formação muito considerável aquele tempo lá, quanto profissional quanto pessoal. e depois fui estudar o primário no anexo da Escola Estadual Uberlândia, situado a rua Duque de Caxias próximo onde era o correio. continuei o ginásio no Museu, depois René Giannetti, Messias Pedreiro. Hoje sou músico, viajo o Brasil inteiro.

Entrevistada (3) Ex-aluno

Lembro-me que era uma escola grande com várias salas, não lembro do nome de minha professora, mas lembro do nome da dona cotinha, não sei se porque ela era muito brava... (risos) acho que ela marcou.

Lembro das sessões de filmes, eles passavam no corredor, nós sentávamos ao chão, eles projetavam filmes, desenhos, na parede. Lembro também da sopa de trigo que era maravilhosa, eu adorava. eu ia feliz, íamos eu e a minha vizinha de rua, nós duas estudávamos lá, só que Lea estudava na classe da dona cotinha e eu em outra classe, talvez por ser mais nova que ela.No recreio, nós brincávamos contente no pátio na frente...

E eu ia a pé, as vezes de carro , mas bastante a pé, descíamos toda a Floriano Peixoto, acompanhadas de um adulto. Não sei se era o uniforme mas tinha uma calça rancheira e conga vermelha ou azul.

Era uma escola muito tranqüila, muito boa, provavelmente uma escola diferenciada para época. tinha muitas coisas para fazermos, brincávamos muito dentro de sala. tinham mesinhas, cadeirinhas, estantes com livrinhos... Apesar de ter passado só um ano, acredito ter influenciado na minha educação posterior. saí de lá com 06 anos e meio por fazer aniversário em agosto e minha mãe matriculou no coronel carneiro, em frente ao Juca Ribeiro.

Entrevistado (4) Mãe de Ex-aluno

A escola Suzana de Paula dias, que teve seu início em 1968, era uma das melhores escolas, inclusive para conseguir uma vaga lá seria necessário ficar em uma fila, e uma fila grande...(risos) e quando eu fiquei sabendo da escola assim com muita fama então corri e para ficar nessa fila e matricular meu filho, e tive a felicidade de verificar que realmente era uma das melhores escolas, não só em mas várias amigas que já concluíram isso também...

Inclusive quando fiz a matrícula pedi a lista e queria ver o modelo do uniforme e esse modelo em muito nos alegrou por ser muito bonito. Era assim: calcinha azul e blusinha listada de vermelho e o peitinho era recorte vermelho para poder ficar de acordo com a calcinha, enfim muito bonito.

Ah! e a lista do material era muito grande, constava-se tinta guache, pincel atômico, pincel, caixa de lápis de cor, e ficava grande também o preços...(risos) mas não foi empecilho por estarmos satisfeitos e compramos tudo direitinho conforme estava pedindo.

No início das aulas, fui levar meu filho e inclusive eu morava um pouco distante, morava no bairro operário e a escola era na Floriano Peixoto, quase esquina com a Duque de Caxias e mesmo assim trazia-o todos os dias.

A professora era uma gracinha, muito carinhosa, legal e sempre a gente perguntava e nunca teve problema nenhum, sempre foi muito legal na escola. Lembro-me que em cada bimestre era feito uma reunião de pais, para distribuir os resultados das atividades desenvolvidas na escola, então os pais sentiam-se muito a vontade em falar alguma coisa porque tínhamos liberdade para falar...

Era tudo bem elaborado e nessas reuniões era distribuído todos os trabalhos que eram realizados na sala de aula para os pais ficarem por dentro dos acontecimentos. e com muita satisfação e alegria era o resultado do que os filhos tinham feito.

Em relação as comemorações, a gente tinha as festas juninas que eu tive o prazer de participar quando as roupinhas eram todas feitas com pipocas, enfeitadas com pipocas...(risos) e nessa festinha era muito importante tinha de tudo característico da época da festa junina, danças, dancinha caipira, a quadrilha de crianças, cada um com seu par e tínhamos prazer de organizar as roupinhas para os alunos participarem dessa festa...

E eu concluo que as atividades desempenhadas na Escola Estadual Suzana de Paula Dias, muito contribuiu na vida dos alunos, porque todos praticamente estão bem encaminhados e verificamos que teve um alicerce na escolinha infantil também...

Ah! me lembrei que uma vez um grupo de mães foram convidadas, aqueles que quisessem participar de uma aula de história na classe, e eu fui uma das mães que quis mesmo, tivemos a sorte de assistir e foi uma gracinha, a historinha contada de um disco e passava, depois as crianças faziam a dramatização retratando a história e eu gostei muito...

Entrevista (5) Ex-professora

A Delminda fazia reuniões periódicas ou quinzenais expondo o planejamento, ela explicava a seqüência do método a ser aplicado e ela gostava demais em alfabetizar só as crianças com 06 anos completos até abril, fora disso ela não aceitava de jeito nenhum.

As salas eram divididas por idade, exemplo: quem já estavam com 06 anos completos até tal mês, formava-se uma sala e assim sucessivamente. Tinham aqueles que faziam 06 anos em abril do próximo ano iam para outra sala. Cada sala era de um determinado número de alunos e Lea determinava de acordo com a idade cronológica mesmo, porque ela sempre falava que a idade mental normalmente anda junto com a cronológica...

Em nossas reuniões de pais, falávamos claramente qual era nosso papel enquanto escola e a dos pais, pois cabe a escola ensinar os conteúdos, fazendo com que a criança desenvolva; mas a moral, os bons hábitos de educação, isso é o meio familiar que deve orienta-los. Tínhamos muita liberdade para trabalhar, para discutirmos a melhor metodologia nos nossos encontros de estudos aos sábados; mas sempre me recordo quando a diretora chegava e nos lembrava que era preciso cumprir também os conteúdos que vinham do governo Estadual. e assim sempre buscávamos o novo, o que para nós era melhor para às crianças; mas nunca esquecendo do que era estabelecido.

Bom, não tinha salas de alunos melhores não, tinham salas que eram divididas de acordo com a idade cronológica, por exemplo, na minha sala tinha sempre a preocupação da seguinte forma: Eu colocava numa determinada mesinha, nunca isolando crianças mais ou menos, com adiantamento maior ou menor, era uma mesinha composta de seis cadeirinha, um aluno ótimo, dois alunos mais ou menos, dois alunos para menos que para mais e o mais fraquinho, quer dizer chegava uma época domes , isso já quase no meio do ano aqueles mais adiantados que tinham mais facilidade, começava, ajudar aqueles que tinha menos facilidade e quando chegava o final do ano, todos estavam no mesmo nível e isso era uma preocupação nossa. Quando o aluno precisava de algum reforço, de alguma coisa a gente sempre estava ali, propiciando... a gente dava muita coordenação motora, me lembro na época a Delminda preocupava-se muito com coordenação motora...

Nosso dia a dia era assim: uma rodinha, todos nós fazíamos o planejamento do dia, víamos como estava o tempo, tinha determinados ajudante do dia, quem irá fazer isso ou aquilo, alguém deslocava-se para fora para ver como estava o tempo, via o aniversariante do dia, na rodinha eram explicados como seria as atividades do dia, antes de tudo isso fazíamos oração todos se dirigiam as mesinhas para fazerem as atividades mais pesadas que exigiam mais das crianças; uma leitura, depois do lanche, recreio. No segundo momento fazíamos atividades mais leves como: pintura, algo mais descontraído...

Gostávamos que as crianças pudessem brincar bastante, pois o que é ser criança sem brincar, e lá nós tínhamos essa preocupação e cuidar para que elas não se machuquem, principalmente durante os horários de pátio.

Quando terminei meu curso normal em 1964, no Colégio Nossa Senhora e o diretor onde terminei o ginásio que era no Liceu, ele me chamou para reabrir um jardim de infância que estava extinto há vários anos, então 1965 e 1966, eu trabalhei no Liceu, que tinha salas de jardim de infância. em 1966 a D. Neusa que era então diretora do bom Jesus me chamou para trabalhar lá no noturno, não era sala de alfabetização não. em 1967 que veio a inauguração do Suzana de Paula dias, a Carmelita Vieira então delegada, me chamou para fundarmos o jardim de infância. Lembro que Suzana de Paula era o nome de um a professora que morreu devido uma gravidez, ela perdeu a criança e a criança ficou dentro dela vários dias e houve uma infecção generalizada, e como ela era uma professora muito dedicada, esse jardim de infância abriu com o nome dela.

Então a Carmelita me chamou, e também a Delminda que estava vindo de Belo Horizonte, esposa do Dr. Tannus, e fomos compondo a turma de professores. Nós éramos vinculadas ao estado, e todas tinham uma formação mínima que era o magistério...

As nossas festas eram lindíssimas, muito bem organizadas, então festas de aniversários, festa junina, 7 de setembro...

Seguíamos os livros sugeridos pela Delminda, e que eram adotados pelas crianças, cartilhas para alfabetização; sei que no final do ano todos estavam alfabetizados, com a leitura e escrita corretamente. Não tínhamos professores especialistas dava- mos todas as

disciplina. todas as lembranças que tenho foram boas, o ruim foi quando acabou, foi uma coisa que nos chocou porque todo mundo no início de 1973 estavam preparadas para iniciar o ano letivo e a delegada de ensino fez uma reunião com a gente dizendo que o governo suspendeu o pré-escolar, de ensino público.

Entrevista (6) Ex-aluno

Em 1971 estudei no Suzana de Paula, com 06 anos eu fui aluna da Tia Maria Luiza. Para mim a Cotinha era a diretora. Lembro da sala de aula grande, mesinhas pra quatro crianças, a professora Maria Luiza tinha o cabelo liso, olhos verdes, clarinha e magra. Lá não tinha parquinho, era um pátio aberto, a gente brincava lá. as minhas amiguinhas da mesa que sentávamos juntas era a Rosana cpareli, cristinae Schiavinato, Evelin Tannus, a Zania .

Tinha atividades de colorir de interpretar gravuras e muito brinquedo e joguinhos. a professora gostava de mudar os alunos de mesinha e tinham aqueles que choravam e eu sempre gostei; a Zania e a Evelin gostavam de beliscar a gente e ai eu sentei na mesa com elas e levei uns beliscões mas dei também, resolvendo o problema.

A professora Maria Luiza pediu para sentarem com elas e ai eu fui. Elas eram más. Lembro de jogral a gente fazia, ensaiava tinha uma escadinha onde a gente ensaiava. Tinha caderno de tarefas e caderno de tarefas com muitas repetições. Gostava muito daquela escola, eu morava na Quintino Bocaiúva ali perto, fui pro 1º ano no Tereza Valse, e minha irmã foi para o pré.

Lembro também da formatura, tirei foto e foi muito marcante, minha irmã foi aluna da professora Cotinha.

Entrevistada (7)

Como o tempo passa depressa, parece que foi outro dia que estava lá no Suzana de Paula, uma escola tão boa, que realmente fazia com que todos aprendessem a ler. Fico recordando que minha mãe passava roupa no período da tarde na casa de uma senhora ali bem pertinho da escola e a patroa dela falou para que me colocasse na escola, porque eu ia todos os 02 vezes na semana com minha mãe passar roupa e eu ficava quietinha até minha mãe acabar. E que alegria quando não precisava mais acompanhar minha mãe nessas tardes, ela passou a me deixar na escola, lá no jardim de infância e ia passar a roupa, na volta ela me pegava.

Lembro que o Suzana de Paula era muito bom, tinha coisas interessantes, brinquedos que minha mãe não tinha condições de comprar e claro das brincadeiras, porque nós brincávamos muito lá. Para mim imagino hoje que deva ter ficado deslumbrada pois deixar de acompanhar minha mãe para passar roupa e ir pro lugar cheio de crianças com um lanche saboroso. Mas tem uma coisa que nunca me esqueço, que era o carinho da minha professora, e se hoje segui a mesma profissão foi devido a influência que tive no ano que cursei lá, a primeira vez que freqüentei uma escola foi lá. Não esqueço de uma festa em que os pais foram convidados, acho que a formatura, minha mãe prendeu o cabelo de bobes foi com uma roupa emprestada da minha tia. Para minha mãe era um orgulho ter uma filha no jardim de infância no centro da cidade. E foi um período bom da minha vida, convivi com pessoas bem mais ricas, que chegavam na escola

*de carro, mas o importante é que eu estava lá, no meio de tantos livros , tinha
musiquinhas... Foi muito marcante a passagem pelo pré do jardim.*